

22

Página



NÚMERO 92
FEVEREIRO 2015

Desenvolvimento

O desafio de lidar com o maior déficit ecológico do mundo

Roberto Dumas

Críticas ao preconceito contra o Oriente

Economia Verde

China induzirá mudanças. Resta saber quando

PARA ONDE CAMINHA A CHINA

País busca pouso suave com radar ligado no meio ambiente



A MADEIRA ILEGAL QUE SAI DA AMAZÔNIA
LEVA JUNTO TODA NOSSA BIODIVERSIDADE.



ESPAÇO GENTILMENTE Cedido pela PÁGINA 22 PARA O GREENPEACE

Envie um **SMS** com a palavra
#MADEIRA + SEU NOME
para **27800** e saiba
o que está acontecendo!

GREENPEACE
www.greenpeace.org.br

Ponte com o **Oriente**

Dados do Fundo Monetário Internacional indicam que a China teria assumido o topo do ranking das economias mundiais, ultrapassando os Estados Unidos, o que coloca ainda mais holofotes sobre esse gigante oriental.

Nesta edição, buscamos nos despir de todas as visões preconcebidas sobre a China para entender como esse país absolutamente ímpar tem lidado com o desafio de crescer, incluir e conservar. As proporções colossais elevam a complexidade dessa equação a uma alta potência, fazendo da China o maior laboratório de sustentabilidade do planeta.

O que for trilhado lá certamente terá influência internacional. Dona do maior déficit ecológico do mundo, a China ligou o sinal de alerta sobre os problemas ambientais, ciente de que já afetam o crescimento e podem criar instabilidades sociais que ameaçariam o regime político de partido único. A transição para uma economia de baixo carbono dá seus passos, o que pode gerar uma escala sem precedentes para produtos e serviços verdes.

Encoberta sob um manto de clichês, a China oferece oportunidades de negócios e de aprendizados que o brasileiro ainda não soube visualizar em sua totalidade. Fazer essa ponte entre Oriente e Ocidente é mais um exercício de respeito às culturas que só traz benefícios a todas as partes do mundo.

Boa leitura!

22
Página

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
DIRETORA Maria Tereza Leme Fleury



COORDENADOR Mario Monzoni
VICE-COORDENADOR Paulo Durval Branco
COORDENADOR ACADÊMICO Renato J. Orsato

JORNALISTAS FUNDADORAS Amália Safatle e Flavia Pardini
EDITORA Amália Safatle

EDIÇÃO DE ARTE Marco Antonio
www.vendoeditorial.com.br

ILUSTRAÇÕES Sírio Braz (seções)
EDITOR DE FOTOGRAFIA Bruno Bernardi

REVISOR José Genulino Moura Ribeiro
GESTORA DE PRODUÇÃO Bel Brunharo

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Álvaro Penachioni, Andrea Vialli, Bruno Toledo, Eduardo Shor,
Elaine Carvalho, Fabio F. Storino, Fabio Rodrigues,
José Eli da Veiga, Leeward Wang,
Magali Cabral, Renan Rosa, Sérgio Adeodato

ENSAIO FOTOGRÁFICO Paulo Marinuzzi

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Amália Safatle (MTb 22.790)

ANUNCIE

COMERCIAL E PUBLICIDADE
Nominal Representações e Publicidade
Mauro Machado
mauro@nominalrp.com.br
(11) 3063.5677

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Itararé, 123 - CEP 01308-030 - São Paulo - SP
(11) 3284-0754 / leitor@pagina22.com.br
www.fgv.br/ces/pagina22

CONSELHO EDITORIAL
Ana Carla Fonseca Reis, Aron Belinky,
José Eli da Veiga, Leeward Wang,
Mario Monzoni, Natália Garcia, Pedro Telles,
Roberto S. Waack, Rodolfo Guttilla

IMPRESSÃO HRosa Serviços Gráficos e Editora
TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 5.800 exemplares
Os artigos e textos de caráter opinativo assinados por
colaboradores expressam a visão de seus autores, não
representando, necessariamente, o ponto de vista de
PÁGINA22 e do GVces.



A REVISTA PÁGINA22 FOI IMPRESSA EM PAPEL CERTIFICADO, PROVENIENTE DE
REFLORESTAMENTOS CERTIFICADOS PELO FSC, DE ACORDO COM RIGOROSOS
PADRÕES SOCIAIS, AMBIENTAIS, ECONÔMICOS, E DE OUTRAS FONTES CONTROLADAS.

creative commons PÁGINA22, NAS VERSÕES IMPRESSA E DIGITAL,
ADERIU À LICENÇA CREATIVE COMMONS. ASSIM,
É LIVRE A REPRODUÇÃO DO CONTEÚDO - EXCETO
IMAGENS - DESDE QUE SEJAM CITADOS COMO FONTES A PUBLICAÇÃO E O AUTOR.



RENVAN ROSA

CAPA

Gigante com pés de carvão

Maior laboratório de sustentabilidade do mundo, a China se urbaniza e enriquece sob limites ambientais cada vez mais estressados

10 Economia Verde Tudo indica que a China será o país indutor de uma transição mundial para uma economia de baixo carbono. Falta saber quando

14 Entrevista Os empresários brasileiros precisam começar a entender o *mindset* chinês, diz o professor do Insper Roberto Dumas, para quem o que mais temos a aprender com eles é fazer planejamento e abandonar o preconceito

36 Comportamento e Cultura Tentar explicar a China como um país agarrado a tradições milenares significa cometer mais um dos clichês que não refletem a realidade. Lá, a diversidade suplanta a ideia de identidade única

44 Desenvolvimento A busca por soluções ambientais tende a ser mais rápida na China que nos demais emergentes. O futuro socioambiental do planeta dependerá muito do caminho que o país trilhar

SEÇÕES

CAPA: RENAN ROSA

5 Notas | 7 Web | 8 Antena | 9 Análise | 21 Artigo | 28 Retrato | 42 Coluna | 43 Brasil Adentro | 50 Última

Caixa de entrada

COMENTÁRIOS DE LEITORES RECEBIDOS POR E-MAIL, REDES SOCIAIS E NO SITE DE **PÁGINA22**

INBOX

[REVISTA PÁGINA22 É BICAMPEÃ NO PRÊMIO CHICO MENDES DE JORNALISMO SOCIOAMBIENTAL – BLOG DA REDAÇÃO]
Parabéns! Muita excelência para uma revista só. Prêmio mais que merecido!! *Vinicius Mariano*

[A RE-INOVAÇÃO DA AGRICULTURA- Ed. 91]
Essas coisas me fazem ter esperança de que vamos arrumar o que deu errado no mundo. *Carolina Locci Lopez*

[QUESTÃO DE PELE – Ed. 91]
Que pobreza de conhecimento "científico". Materialismo científico, cientificismo na Página22 não pegam bem com a linha editorial dessa excelente publicação... *Darcy Brega*

OUTBOX

Em relação à reportagem "Questão de pele", PÁGINA22 ouviu especialistas que estudam como o fator químico influi no relacionamento. A revista respeita o conhecimento gerado pelos pesquisadores. O leitor pode observar que uma parte da reportagem faz um contraponto, mostrando que nem tudo está predeterminado e que há fatores que transcendem o ponto de vista científico. Ficamos felizes que a reportagem tenha provocado reflexões.

ERRATAS:

Na seção *Antena* da edição 90, esclarecemos que os estudos e ferramentas sobre adaptação climática no Brasil foram publicados pelo Ministério do Meio Ambiente, contratados pela Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental (SMCQ) e elaborados pelo programa Política e Economia Ambiental (PEA) do GVCes. A versão on-line está correta.

Na seção *Análise* da edição 91, onde se lê "Tomada de empréstimo por pesquisadores (...)", leia-se "Tomada de empréstimo a pesquisadores (...)". Por um erro de edição, o sentido da frase ficou modificado. A versão on-line está correta.

CERTIFICAÇÃO

Biodiversidade com selo

Acaba de entrar em prática um sistema que certifica e monitora os fornecedores de produtos da biodiversidade. A iniciativa, que foi gestada nos últimos dois anos, partiu da Natura, em parceria com a Union for Ethical Bio Trade (UEBT).

Sergio Camargo, gestor de tecnologias sustentáveis da Natura, conta que a estratégia de certificação de ativos da biodiversidade começou na empresa já em 2005. Nessa ocasião, embora contasse com certificadores como Forest Stewardship Council (FSC) e Instituto Biodinâmico (IBD), era preciso atender também a matérias-primas não cultivadas, como aquelas oriundas do extrativismo. Além disso, os requisitos de certificação não correspondiam plenamente à peculiaridades dos públicos envolvidos, como agricultores familiares, associações e cooperativas. Daí a necessidade de inventar um novo arcaçouço.

O sistema criado pela Natura e UEBT leva em conta boas práticas de produção, conservação da biodiversidade (inclusive qualidade), rastreabilidade, saúde e segurança do trabalhador, e relações trabalhistas. A iniciativa envolveu diversas áreas da empresa e agora está entrando em implementação para todos os fornecedores. "Estamos caminhando para um selo Natura de sustentabilidade para produtos da biodiversidade", afirma o executivo. Selo este que poderá ser adotado por outras empresas do setor. Camargo chama atenção para o papel educativo da certificação, pois faz com que os fornecedores assumam planos de ação de conformidade. – **Amália Safatle**



DIVULGAÇÃO

Água: esperar não é saber

Esperar a torneira secar para se preocupar com a crise hídrica é o fim do mundo. Mesmo porque a população mundial seguirá crescendo pelo menos até 2050, quando deveremos ser 9,5 bilhões. Esse aumento populacional se dará majoritariamente nos centros urbanos de países em desenvolvimento. Ou seja, cidades como São Paulo e Rio de Janeiro estarão no "olho do furacão".

Sidney, na Austrália, já possui um estudo de cenários para imaginar soluções sustentáveis para gestão da água urbana em 2040. Propostas de vários portes para consumidores e gestores fazem parte desse trabalho. Elas vão desde a introdução de serviços de medição inteligente do uso da água via smartphones até a autogestão do abastecimento por comunidades locais e a definição do papel das indústrias privadas na operação de sistemas hídricos.

Realizado pela empresa global de engenharia de projetos Arup, estudo *The Future of Urban Water: Scenarios for Water Utilities in 2040* pode ser acessado em bit.ly/15bZOV8. – **Magali Cabral**

DESSALINIZAÇÃO

A fronteira do mar

Pela primeira vez, a Associação Internacional de Dessalinização realizará um evento no Brasil. Trata-se da conferência "Reúso de Água e Dessalinização para o Desenvolvimento da América Latina", promovida em parceria com o Portal Tratamento de Água (tratamentodeagua.com.br).

O evento é reflexo de períodos cada vez mais frequentes de escassez de água não só no Brasil como na América Latina. Segundo informações divulgadas pela assessoria de comunicação da conferência, esse método já é amplamente utilizado no setor industrial

brasileiro e, já há algum tempo, também na ilha de Fernando de Noronha para produção de água potável a partir da água do mar. Outros processos aplicados no País são a ultrafiltração, biorreatores com membranas e nanofiltração.

Em toda a América Latina, o México é pioneiro na dessalinização para alimentar refinarias, o Chile abastece minas na Cordilheira e a Venezuela está construindo uma planta de tratamento de água salgada para os sistemas de petróleo.

Serviço: 23 e 24 de março, no Windsor Atlantica Hotel (Av. Atlântica, 1020 – Copacabana), Rio de Janeiro. Inscrições em idadesal.org.

REDUÇÃO DO DESMATAMENTO

Solução local

Apuí, município na região sul do Amazonas, conseguiu reduzir para 30% o total da área de pastagem sem alterar a quantidade do rebanho. Isso quer dizer que todo o gado do Amazonas pode ser mantido em apenas um terço da área hoje utilizada para a pecuária. É o que propõe estudo do Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (Idesam) que, ao longo dos últimos três anos, ana-

lisou a viabilidade econômica do pastoreio semi-intensivo como uma alternativa para a redução do desmatamento e a melhoria de renda das propriedades rurais de Apuí.

O método utilizado é o "manejo rotacional", um ciclo de alternância entre áreas subdivididas para permitir a recuperação do capim. Isso não sai de graça. Enquanto no sistema tradicional os custos médios por ano – para uma área produtiva de 20

hectares – são de cerca de R\$ 10 mil, para o modelo semi-intensivo o valor é de R\$ 27 mil. Mas o retorno começa a chegar em dois anos e, segundo Gabriel Carrero, coordenador do estudo e coordenador do Programa de Produção Rural Sustentável do Idesam, não para de crescer. Em 7 anos, enquanto o modelo tradicional estaria gerando R\$ 28 mil de retorno ao produtor, o semi-intensivo superaria R\$ 85 mil. (MC)

Olha isso!

FABIO F. STORINO
Doutor em Administração Pública e Governo

Pelo estômago

Do cardápio de um quiosque de comida localizado numa praça de Pittsburgh, nos Estados Unidos, constam deliciosos pratos da culinária palestina, como shawarma, falafel, humus e baba ghanoush. O cliente distraído pode não perceber isso de forma consciente, mas aquele shawarma é um sanduíche da paz.

Por falar em sanduíches, na década de 1990 Thomas Friedman formulou a "teoria dos arcos dourados para a prevenção de conflitos", segundo a qual dois países onde há McDonald's não travam guerra entre si. Embora falha – tais conflitos de fato existiram –, a ideia por trás da teoria, que exalta os "efeitos conciliadores do comércio", como descreveu Steven Pinker em *Os Anjos Bons da Nossa Natureza*, tem mérito.

Para Pinker, o comércio é uma das forças históricas que contribuíram para a redução da violência no mundo. Por muito tempo, povos vizinhos representavam uma potencial ameaça de invasão e dominação. O comércio alterou os incentivos, criando um jogo de soma diferente de zero: entrar em conflito com meu vizinho, com quem passei a fazer trocas comerciais mutuamente benéficas, agora também traz desvantagens.



O jornalista Robert Wright, autor de *Não Zero: A lógica do destino humano*, concorda com o argumento (ver sua palestra TED em goo.gl/MtToIm). Mas também enxerga um futuro potencialmente perigoso, caso não sigamos avançando na agenda do "progresso moral" da humanidade: o crescimento recente da intolerância religiosa, somado ao aumento da eficiência bélica e ao avanço tecnológico das comunicações, aumenta os riscos de ações coordenadas e com alta letalidade promovidas por grupos extremistas. Para Wright, nossa resposta a isso precisa ser inteligente, reforçando a noção de "destinos interlaçados".

Pensando em termos de *soft power*, o turismo pode dar uma contribuição importante para isso. Ao se conhecer um país – seus marcos arquitetônicos, sua comida e, sobretudo, seus habitantes –, estabelece-se uma ligação afetiva com ele. Defender o "bombardeio do Irã" fica muito mais difícil quando o abstrato "Irã" é substituído pelas lojas do Grande Bazar de Teerã e entre as vítimas pode estar Ahmad, aquele simpático moço que nos ajudou quando nos perdemos nos jardins de Shiraz.

Aquele pequeno restaurante do início do texto chama-se Conflict Kitchen [Cozinha do Conflito], e se propõe a oferecer pratos de países com os quais os Estados Unidos estejam em conflito atualmente. Desde que foi inaugurado, em 2010, o restaurante também já serviu comida do Irã, Afeganistão, Cuba, Coreia do Norte e Venezuela (a decoração é uma atração à parte: conflictkitchen.org/photos).

Busca criar esse vínculo afetivo pelo estômago. Espero que prospere a curto prazo, mas que em breve não tenha mais razão de existir. Ou quem sabe que passe a servir tradicionais hambúrgueres americanos, preferencialmente mais saudáveis e nutritivos do que os daquela rede dos arcos dourados.



Fontes para o abastecimento integral ou complementar de alguns municípios, as águas subterrâneas são uma alternativa para períodos de estiagem, mas deveriam ser mais bem aproveitadas em termos de qualidade e quantidade. Elas vêm sendo mal administradas no Brasil ao longo dos anos, na avaliação do geólogo Cláudio Oliveira, presidente da Associação Brasileira de Águas Subterrâneas.

"Estamos gerindo água subterrânea como água superficial", afirma. Ele explica que o comportamento da primeira é mais complexo que o da segunda, em termos de movimentação de águas e riscos de contaminação, exigindo conhecimento técnico específico para a eficiente gestão desse recurso. A ausência desse perfil profissional nos órgãos reguladores estaduais torna a concessão de outorgas para uso de poços tubulares mais lenta que a demanda. Isso, aliado à falta de fiscalização, estimula o funcionamento de poços clandestinos, na opinião de Oliveira. Estima-se que em 2014 havia entre 8 mil e 12 mil poços na Região Metropolitana de São Paulo, dos quais apenas 2.087 haviam sido outorgados até setembro.

Para Fernando Roberto de Oliveira, gerente Águas Subterrâneas da Agência Nacional de Águas (ANA), uma mudança cultural na direção de uma gestão integrada entre águas superficiais e subterrâneas é fundamental para o País. Em entrevista, ele comenta as ações da ANA nesse sentido.

Leia a reportagem completa em fgv.br/ces/pagina22.

MUNDO AFORA

Ciência voltada para o futuro

Por uma abordagem da ciência mais transversal e colaborativa, voltada para os problemas contemporâneos, a plataforma Earth Future (Futuro da Terra) estabeleceu oito desafios interdisciplinares para a comunidade científica internacional. Entre eles está o fornecimento de água, energia e comida para todos; a construção de cidades saudáveis e produtivas e a dissociação entre emissões de carbono e crescimento econômico. Com isso, a Aliança Ciência e Tecnologia para a Sustentabilidade Global, patrocinadora da plataforma, pretende acelerar soluções para desafios globais. Mais em futureearth.org.

Retrato da fome global

Embora a fome crônica global esteja em queda, uma em cada nove pessoas ainda sofre desse mal. Dados de 2012-2014 estimam em 805 milhões os desnutridos no mundo no período. Segundo o Worldwatch Institute, a América Latina vem registrando queda, ajudada pela estabilidade política e por incentivos agrícolas, mas a desnutrição prevalece na África Subsaariana e na Ásia. Um em cada quatro africanos é considerado faminto. Já a Ásia, região mais populosa do planeta, concentra dois terços do total de desnutridos, ou 526 milhões de pessoas. O relatório completo está à venda em worldwatch.org.

VALE O CLICK

COMIDA COM HISTÓRIA

Ao relacionar a origem do nome da comida baiana e dos ingredientes ao modo de preparo, o ebook *Pequeno Guia Afetivo da Comida de Rua de Salvador* revela um pouco da identidade, cultura e estilo de vida soteropolitano. Curiosidades sobre abará, maniçoba, mungunzá e outras receitas típicas podem ser acessadas gratuitamente em bit.ly/1B3oREp.

CÓDIGO FLORESTAL

No Observatório Florestal é possível acompanhar a implementação do Código Florestal, do Cadastro Ambiental Rural e do Programa de Regularização Ambiental, além de artigos de especialistas. Criado em 2013 para dar transparência ao processo, o site agora dispõe de um banco de fontes sobre o tema e em breve terá vídeos explicando como o novo Código influenciará a vida dos brasileiros. Acesse observatoriodoflorestal.org.br.



VOLUNTÁRIOS SOCIAIS

A Natura lançou a plataforma on-line de colaboração social movimentonatura.com.br. Lá, quem atua em projetos de impacto social pode indicar o tipo de ajuda de que precisa. Interessados em colaborar voluntariamente, por sua vez, podem conhecer as iniciativas e oferecer apoio.

Análise de Ciclo de Vida auxilia na gestão de externalidades

Há dez anos, falar sobre gestão de emissões de carbono era um bicho de sete cabeças: difícil de entender, de operacionalizar no dia a dia da empresa, e de justificar do ponto de vista do negócio para os *stakeholders*. Para nossa sorte, o cenário atual é bastante diferente – a gestão do carbono é uma realidade nas empresas, que buscam cada vez mais capacitação e ferramentas para administrar suas emissões.

O que mudou nesse período, além do conhecimento em clima adquirido na última década e do desenvolvimento de ferramentas de contabilização? A grande mudança aconteceu no entendimento das empresas sobre o potencial desse tipo de gestão: mais do que contabilizar para reduzir as emissões, a gestão do carbono dá subsídios para ganhos que vão além da simples redução das emissões – para a melhora de operações e resultados em geral.

Nesse processo de gestão, o segundo passo natural das empresas tem sido a Análise de Ciclo de Vida (ACV) dos produtos e serviços, que incorpora outras externalidades além do carbono, como

O primeiro ciclo de atividades vai trabalhar a mudança do clima

água, terra e biodiversidade. O ciclo de vida de um produto abrange todas as etapas necessárias para que ele cumpra sua função, que vai desde a obtenção dos recursos naturais até o seu destino final.

Pensar em ciclo de vida permite considerar todas as implicações de um dado produto ou serviço ao longo de toda a cadeia produtiva até o consumo final. É isso que a ACV faz: estimar o desempenho ambiental de um produto ao longo de seu ciclo de vida, identificando quantitativamente o uso de recursos naturais e o rejeito e avaliando os impactos ambientais potencialmente associados a esse processo. Em um cenário ambiental cada vez mais crítico, ter essa noção da sua própria realidade é muito importante.

Para a gestão empresarial, a ACV pode ser bastante útil tanto para o gerenciamento de questões associadas a clima como também

para administrar o desempenho de fornecedores e consumidores intermediários e diferenciar produtos e serviços no mercado.

“A ACV pode ter várias utilidades, como comparabilidade entre produtos (*qual possui maior ou menor impacto ambiental*), mas os ganhos internos e o olhar integrado da empresa com sua cadeia de valor são muito mais interessantes”, explica Beatriz Kiss, pesquisadora do GVces e coordenadora da mais nova iniciativa empresarial do centro de estudos: Ciclo de Vida Aplicado (CiViA). *(Leia entrevista ao lado.)*

PEGADA DE CARBONO

Lançada em dezembro passado, a CiViA pretende apoiar as empresas na gestão de externalidades relacionadas a produtos e serviços, por meio da aplicação do conceito de ciclo de vida, desenvolvendo ferramentas e estratégias para mapeamento dessas externalidades, e identificando riscos regulatórios

e ambientais, além de subsídios para a gestão da cadeia de valor e acesso a mercados. A proposta, segundo Beatriz Kiss, é “apoiar a incorporação do pensa-

mento de ciclo de vida na gestão das empresas, fomentando a quantificação e gestão dos impactos ambientais dos produtos e serviços por meio da abordagem de ciclo de vida”.

Nesse primeiro ciclo de atividades, ao longo de 2015, a CiViA pretende trabalhar a mudança do clima, uma das categorias de impacto ambiental da ACV, aproveitando a *expertise* do GVces na questão climática, com o Programa Brasileiro GHG Protocol. A partir desse esforço, outra proposta da CiViA neste ano é realizar o cálculo da pegada de carbono de produtos das chamadas empresas de base (produtoras de matéria-prima utilizadas em outras empresas, ou seja, bens primários ou intermediários), construindo uma cultura de coleta e publicação de dados.

Mais informações sobre a CiViA em fgv.br/ces

SINTONIZANDO

CONVERSA RÁPIDA COM BEATRIZ KISS, COORDENADORA DA CIVIA



DIVULGAÇÃO

Por que as empresas devem se preocupar com ACV?

A ACV é uma ferramenta de gestão completa que pode otimizar processos, aumentar a eficiência e reduzir custos e impactos ambientais de uma empresa, já que analisa todos os aspectos e etapas de um produto, desde sua concepção até o final da vida.

Qual é o principal diferencial da CiViA para seus participantes?

A CiViA vai gerar conhecimento e desenvolver ferramentas e pilotos em conjunto com as empresas, capacitando os gestores para que eles possam prosseguir com os trabalhos de ACV e cálculo da pegada de carbono dos produtos dentro de suas empresas. Ou seja, não apenas geramos resultados, mas transferimos conhecimento e agregamos valor ao projeto.

JOSÉ ELI DA VEIGA

Professor sênior do Instituto de Energia e Ambiente da USP e autor de *A desgovernança mundial da sustentabilidade* (Ed. 34: 2013). www.zeeli.pro.br

análise



Uma pretensão inviável

Resiliência é uma noção restrita, cujo alcance lógico e cognitivo é muito parcial se comparado ao da sustentabilidade

Tem sido frequente a proposta de trocar a noção de sustentabilidade pela de resiliência, um conceito que por séculos ficou confinado às engenharias (principalmente naval), mas que há 40 anos foi simultaneamente adotado por ecólogos (1973) e psicólogos (1974) para designar, *grosso modo*, a capacidade de recuperação sistêmica pós-choques, ou a capacidade de absorção de choques e subsequente reorganização para funcionar como antes.

O físico holandês Roland Kupers, por exemplo, editor do interessante livro *Turbulence* – a primeira publicação da Resilience Action Initiative (RAI), articulada em Davos no início de 2012 por dez das maiores corporações multinacionais, diz que sempre preferiu a ideia de resiliência por lhe parecer bem mais adequada ao aprofundamento do conhecimento analítico sobre sistemas complexos, por mais que admita ser superior o apelo intuitivo e emocional da ideia de sustentabilidade.

Caminham no sentido oposto a esse raciocínio ao menos duas abordagens científicas, ambas insatisfatórias. A mais fraca aponta a “resiliência das comunidades” como um de quatro componentes da sustentabilidade. A outra, bem melhor, enfatiza que “a pesquisa sobre a resiliência dos sistemas socioecológicos” constitui a “base para a sustentabilidade”.

O recente relatório do National Research Council (NRC) advoga a “maior resiliência das comunidades a eventos extremos” como um dos quatro *issue clusters* da sustentabilidade, acompanhada por: a) “conexões entre energia, alimentos e água”; b) “ecossistemas diversos e saudáveis”; e c) “saúde e bem-estar humano”. Cabe perguntar, evidentemente, se o conceito de resiliência



não deveria ter sido aplicado também aos ecossistemas, em vez de só aparecer como atributo de comunidades, uma dificuldade que parece ter sido superada na concepção longamente amadurecida pelos pesquisadores que se articulam na excelente Resilience Alliance (www.resalliance.org).

Para eles, principalmente ecólogos, resiliência é a “capacidade de um sistema de absorver perturbação e reorganizar-se, mantendo essencialmente a mesma função, estrutura e *feedbacks*, de modo a conservar a identidade”. Mas também lhes parece aceitável esta definição menos formal: “capacidade de lidar com choques para manter funcionamento sem grandes alterações”.

O que está em jogo nessa perspectiva é, portanto, a reorganização pós-choque dos “sistemas socioecológicos”, definidos como “sistemas complexos e integrados nos quais os humanos são parte da natureza”. Já por sustentabilidade essa comunidade

entende “a capacidade de criar, testar e manter capacitação adaptativa”. E define “desenvolvimento sustentável” como a combinação da sustentabilidade com a “geração de oportunidades”.

O grande problema, contudo, é que todas as abordagens da resiliência voltam-se sistematicamente para as reações a “choques”, enquanto a sustentabilidade é algo bem mais amplo, pois envolve fenômenos erosivos ou cumulativos, como são os casos da perda de biodiversidade, ou da plethora de gases de efeito estufa na atmosfera. Ambos certamente aumentam a frequência de eventos extremos, mas a sustentabilidade não se limita a reações a choques deles decorrentes, já que exige permanente conservação ecossistêmica e longa redução das emissões de carbono.

Mais estranha ainda é a completa ausência, nisso tudo, da questão central que, desde fins do século passado, vem consolidando a sustentabilidade como um novo valor.

Foi só quando a comunidade internacional começou a se responsabilizar pelas possíveis consequências de seus comportamentos atuais para gerações futuras que a ambição pelo desenvolvimento (ou prosperidade, ou progresso) passou a exigir a qualificação que lhe dá o adjetivo “sustentável”.

Então, não há a mínima chance de que a noção de sustentabilidade venha a ser preterida em favor do conceito de resiliência. E tal inviabilidade não se deve a um suposto apelo intuitivo e emocional da ideia de sustentabilidade que, segundo Kupers, impediria sua superação por um conceito mais “técnico”, ou mais “preciso”, como é o de resiliência. O fato é que resiliência é uma noção restrita, cujo alcance lógico e cognitivo é muito parcial se comparado ao da sustentabilidade.

1 *Turbulence: A Corporate Perspective on Collaborating for Resilience*, Roland Kupers (editor). Editora: Amsterdam University Press, 188 p.
2 *Sustainability for the Nation: Resource Connection and Governance Linkages*. National Academy of Sciences, 2013.

O empurrão chinês

Tudo indica que a China será o país indutor de uma transição mundial para uma economia de baixo carbono. O enigma é saber quando

POR ANDREA VIALLI

Detentora do pouco abonador título de maior emissor de gases de efeito estufa do mundo, respondendo por cerca de 24,65% das emissões globais, a China tem potencial para dobrar sua presença em energias renováveis até 2030, segundo um estudo realizado pela Agência Internacional de Energia Renovável (Irena, na sigla em inglês). De acordo com o estudo, batizado de *REmap 2030*, o país poderá saltar dos atuais 12% para 26% de participação de renováveis em 2030.

Caso venha a adotar políticas mais arrojadas de incentivo às energias limpas e sobretaxar o carvão, o principal combustível de sua economia, poderá chegar a 40% de renováveis em sua matriz energética até 2040. As projeções indicam que o país tem condições de cumprir, com folga, a meta própria estabelecida em seu último plano quinquenal: suprir suas necessidades energéticas com 15% de fontes renováveis até 2020.

Lançado no fim de novembro, o *REmap* é o mais abrangente estudo realizado sobre o potencial global das energias renováveis e envolveu o trabalho de mais de 90 especialistas no tema em 60 países. Sugere caminhos para que os países possam dobrar sua capacidade instalada em renováveis até 2030 e demonstra que a China é um elemento-chave na transição global para uma economia de baixo carbono. “A China já é líder em investimentos em energias renováveis, com imenso potencial para ostentar uma gama variada de fontes e tecnologias limpas”, afirma Adnam Amin, diretor-geral da Irena, na apresentação do estudo. “Com as políticas e o padrão de investimentos que vemos hoje, a participação das renováveis na matriz energética chinesa está projetada para alcançar 17% em 2030, comparada a 13% em 2010. Mas nós mostramos que é possível alcançar 26%, de forma realista”, afirma Amin.

Disponível em irena.org/remap

Para que o país alcance esses resultados, porém, será preciso realizar – ou atrair – investimentos pesados. Segundo os cálculos do *REmap*, serão necessários US\$145 bilhões/ano entre 2014 e 2030 para viabilizar esse crescimento nas energias renováveis. Na ponta do lápis, trata-se de um aumento de US\$ 54 bilhões/ano em relação aos investimentos atuais. Por outro lado, essa injeção de recursos traria uma contrapartida legítima. A redução nas emissões de carbono levaria à diminuição dos custos com saúde e despoluição ambiental e permitiria uma economia anual entre US\$ 55 bilhões e US\$ 228 bilhões/ano para os cofres públicos.

De acordo com o Centro Nacional de Energia Renovável da China (Cnrec), parceiro local no estudo, do total de 13% de energias renováveis hoje presentes na matriz chinesa, 6% correspondem à biomassa tradicional – na prática, lenha –, ainda muito utilizada para produzir energia e calor na China rural. O restante, 7%, são as chamadas renováveis modernas, o que inclui energia eólica, solar fotovoltaica, geotérmica e hidrelétrica.

Essas vêm crescendo a passos largos: em 2013, a China instalou mais megawatts dessas fontes do que os países europeus e as demais nações asiáticas, em um total de 380 gigawatts (GW) de eletricidade, triplicando sua capacidade instalada em relação a 2005. O setor de renováveis já emprega 2,6 milhões de trabalhadores, e a geração hidrelétrica tem recebido o maior montante de investimentos em todo o mundo. A China fechou 2013 com usinas capazes de produzir até 280 GW e até 2030, segundo as projeções do *REmap*, pode chegar a 400 GW com essa fonte. Sozinha, a colossal Usina de Três Gargantas, no Rio Yang-Tsé, contribui com 22 GW de energia.

Ainda segundo o estudo, o país pode quintuplicar sua capacidade instalada em energia eólica até 2030, saltando dos atuais 91GW para 500 GW, o que significaria mais que o dobro da capacidade mundial de produção de energia dos ventos. A expansão da



energia solar fotovoltaica – hoje o país é o maior produtor mundial de painéis solares – também não fica a dever: só em 2013 instalou 13 GW de energia solar, chegando a 20 GW no total. Para 2030, a meta do governo é atingir 70 GW, mas as projeções do *RE-map* apontam que há potencial para 308 GW. Mas para isso seriam necessárias medidas adicionais, de cunho econômico, que tornassem tanto a energia solar quanto a eólica mais competitivas em relação aos combustíveis fósseis.

CAMINHO SEM VOLTA

Um dos caminhos, sugere o estudo, seria impor uma taxa de US\$ 20 até US\$ 50 por tonelada de carbono emitido na produção de energia a carvão, o motor do crescimento chinês. O imposto serviria para cobrir as externalidades associadas à produção de energia suja, como os altos custos com saúde pública decorrentes da poluição do ar, responsável por 1,2 milhão de mortes prematuras, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). “Para viabilizar ainda mais os custos da energia limpa, será preciso

combater o *lobby* pesado da indústria do carvão. Mas o governo chinês já sinaliza que o aumento da participação das energias renováveis é um caminho sem volta”, diz Eduardo Felipe Matias, doutor em direito internacional e sócio responsável pela área de sustentabilidade do escritório Nogueira, Elias, Lasowski e Matias Advogados. “O carvão, além de ser um recurso finito, cobra um preço muito alto para a população chinesa, pois torna a vida inviável em várias cidades”, completa.

A transição para uma economia menos intensiva em carbono já está produzindo reflexos reais – entre 2006 e 2010, a intensidade energética da economia chinesa foi reduzida em 19%, mas deve ser acelerada com o acordo bilateral firmado com os Estados Unidos em novembro do ano passado. Tido como histórico por reunir as duas potências mais poluidoras do mundo (juntos, os dois países respondem por 45% das emissões globais), o acordo assinado durante visita oficial do presidente americano Barack Obama a Pequim prevê metas de redução das emissões para ambos os lados.

Os EUA se comprometeram a reduzir a produção de gases-estufa entre 26% a 28% até 2025, em relação aos níveis registrados em 2005. Anteriormente, o país já havia assumido a promessa de reduzir as emissões em 17% até 2020, também em comparação aos níveis de 2005, o que sinaliza que o plano americano tende a caminhar no sentido de adotar metas mais robustas a cada cinco anos. Já o presidente chinês, Xi Jinping, lançou o compromisso de começar a reduzir as emissões por volta de 2030, quando o país deve atingir o pico de suas emissões. Até lá, a meta proposta pelos chineses é garantir que 20% de sua energia venha de fontes limpas.

O acordo bilateral reacendeu as esperanças em um acordo global de peso para frear o aquecimento global no âmbito da Convenção-Quadro da ONU sobre Mudança Climática, que fará sua 21ª conferência (COP 21) em Paris, entre 30 de novembro e 11 de dezembro deste ano. A expectativa é de que do encontro saia um acordo global que substitua o caduco Protocolo de Kyoto, que não teve a adesão dos EUA nem impôs metas compulsórias de redução das emissões para os países emergentes, como China, Índia e Brasil, resultando num fracasso internacional, pois as emissões globais de carbono aumentaram em relação a 1990. Agora, espera-se que na COP 21 se estabeleça um acordo entre os países para entrar em vigor a partir de 2020 que seja capaz de limitar o aumento da temperatura global a 2 graus e reduzir as emissões entre 40% e 70% até 2050.

“O acordo entre China e EUA pode contribuir para aproximar a posição dos dois países na COP 21, que nas últimas conferências têm caminhado em direções opostas. Mas é provável que nenhum dos dois aceite que o acordo traga metas compulsórias, pois isso poria em risco a economia americana, atualmente em fase de recuperação. E a China ainda não está disposta a abrir mão do carvão, motor de seu crescimento”, afirma Sérgio Abranches, cientista político e autor do livro *Copenhague: Antes e Depois*. No entanto, por ser um regime autocrático, a China tem feito outros esforços no sentido de reduzir as emissões, como obrigar várias cidades a adotar medidas drásticas para reduzir a poluição urbana – entre elas, o fechamento compulsório de fábricas e restrições à circulação de veículos nos grandes centros. “Há condições de chegar a um acordo em Paris que seja referência para o que fazer após 2030, quando a China alcançar o pico de suas emissões. O país já tem a intenção de reduzir a poluição, e isso só precisaria ser traduzido em metas nominais para os próximos anos”, diz Abranches.

Para a maioria dos países, reduzir emissões significa não viver a plenitude de suas economias. Por isso alcançar um acordo internacional que funcione tem sido tão difícil. Mas o cenário sombrio explicitado no quinto relatório-síntese do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC), cuja última parte foi apresentada em novembro, pode estar levando as potências a mudarem de opinião.

O documento afirma que limitar o aquecimento da Terra a 2 graus será difícil, mas não impossível, e sugere que, para frear a mudança climática que já está em curso, será preciso que as emissões parem de crescer nos próximos cinco anos e que sejam zeras até 2100. No ritmo atual, o planeta caminha para um aumento da temperatura de até 4 graus, um dos piores cenários, que pode trazer prejuízos inefáveis à agricultura e eventos climáticos extremos. “Com o último relatório do IPCC, os dois países começam a entender os riscos a que estão sujeitos e as consequências extremas se a temperatura da Terra se elevar acima de 2 graus, como a escassez hídrica, o deslocamento de populações e a inviabilidade da agricultura em inúmeras regiões”, afirma Leonardo Dutra, diretor de consultoria em sustentabilidade da Ernst & Young (EY).

De acordo com o Índice de Atratividade dos Países em Energia Renovável (Recal, na sigla em inglês), ranking realizado todos os anos pela EY, em 2014 a China ultrapassou os EUA e é hoje o país do mundo mais atrativo para investimentos estrangeiros em

PROJEÇÕES DO ESTUDO REMAP**, DA AGÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIAS RENOVÁVEIS (IRENA)

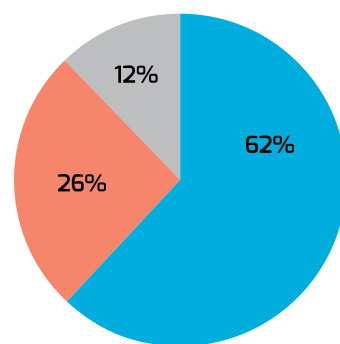
- Emissões de carbono podem crescer **25%**, e não 50% até 2030 com a substituição do carvão no setor de geração de energia elétrica
- Com os incentivos atuais, participação das renováveis poderá chegar a **16%** da matriz em 2030, mas é possível chegar a **26%** com políticas mais arrojadas
- Para isso, serão necessários **US\$145 bilhões/ano** entre 2014 e 2030, um aumento de US\$ 54 bilhões/ano em relação aos investimentos atuais
- Redução nas emissões de CO₂ e dos custos com saúde permitiriam uma economia anual entre **US\$ 55 bilhões** e **US\$ 228 bilhões/ano** para os cofres públicos
- Para tornar a energia solar competitiva em relação ao carvão, seria preciso precificar a o carbono em **US\$ 50 a tonelada**; para dar escala à eólica, de US\$ 20 a US\$ 25 a tonelada de CO₂

CONSUMO DE ENERGIA E EMISSÕES DE CO₂

- Maior consumidor global de energia: responsável por **18%** da TFEC (Total Final Energy Consumption)
- Projeções da Agência Internacional de Energia (AIE) apontam para um crescimento de **60%** da TFEC entre 2010 e 2030. Nesse cenário, a participação das renováveis passa de 7% em 2010 para 16% em 2030

Consumo de energia (combustíveis e eletricidade) na China

- INDÚSTRIA
- EDIFÍCIOS COMERCIAIS, RESIDENCIAIS E CONSUMO NA ZONA RURAL
- SETOR DE TRANSPORTES



- Maior emissor global de gases do efeito estufa em razão do uso intensivo do carvão: **7 gigatoneladas** (Gt) de CO₂, em 2012, o equivalente a 28% das emissões globais
- No cenário *business as usual*, as emissões tendem a crescer **50%** até 2030
- Consome 4 bilhões de toneladas de carvão/ano – **80%** da matriz energética
- Altos índices de poluição do ar causaram **1,2 milhão** de mortes prematuras em 2010
- Energias renováveis: **7%** da matriz energética, geram **2,6 milhões** de empregos
- Meta do governo é ter **15%** de renováveis até 2020

energia renovável. O ranking chama esse movimento de “a ascensão do dragão” e reafirma os esforços do governo chinês de abrir o mercado para investimentos nesse campo, especialmente em segmentos onde almeja aumentar sua presença, como é o caso da geração de energia eólica *offshore*, geração maremotriz (*a partir da força das marés*) e solar distribuída. O desenvolvimento tecnológico em campos ainda pouco explorados por outros países, com perspectivas de liderança internacional – como já ocorre com os painéis solares –, é outra motivação para que a China reduza seu apetite voraz pelo carvão: todos os anos, consome 4 bilhões de toneladas do insumo. “Nesse cenário, não há dúvidas de que o carvão perderá parte de seu prestígio na China, abrindo espaço para que o país se desenvolva tecnologicamente em segmentos da energia renovável que ainda estão pouco explorados”, diz Dutra.

Poucos dias após a assinatura do acordo bilateral com os EUA, a China anunciou que pretende criar seu próprio mercado de créditos de carbono como mecanismo para estimular a redução das emissões de gases de efeito estufa. O plano é iniciar as transações já em 2016, para que em 2020 esse mercado já esteja funcionando a pleno vapor.

Algumas negociações piloto já estão em andamento. Em outubro do ano passado, sete regiões do país negociaram, nos moldes do mercado *cap-and-trade*, um volume de créditos equivalente a 13,75 milhões de toneladas de carbono, que chegaram a render US\$ 81 milhões. A solução capitalista, somada aos incentivos do governo para baratear a geração de energia limpa, pode ser o impulso que faltava para que a nação mais populosa do mundo se converta, finalmente, em um gigante verde. [.az](#)

O chinês e a bicicleta

POR AMÁLIA SAFATLE E MAGALI CABRAL FOTO BRUNO BERNARDI

Depois de morar quatro anos na China, entre 2007 e 2011, **Roberto Dumas Damas** passou a enxergar muito além da clássica imagem do chinês e sua bicicleta. Mesmo porque a China vive novos tempos em sua linha de desenvolvimento econômico, adotando outros motores de crescimento com um olho na sustentabilidade. Mas o que mais aprendeu foi a quebrar estereótipos e preconceitos. Nesta entrevista, ele conta o que vivenciou quando esteve no Oriente para ajudar empresas brasileiras na China, onde chegou a dar aulas. Viu um país de grande diversidade cultural e étnica, e que talvez deva a sua coesão à existência de um regime de partido único. Com isso, entendeu que pode haver vários pontos de vista sobre o que é liberdade. Respeitar a diferença do *mindset* chinês não significa concordar com tudo, mas, se o Ocidente se outorga a defesa da democracia, a compreensão de realidades diferentes e contraditórias faz-se fundamental.

Mestre em Economia pela Universidade de Birmingham, mestre em Economia Chinesa pela Fudan University e professor do Insper. É autor do livro *Economia Chinesa – Transformações, rumos e necessidade de rebalanceamento do modelo econômico da China* (Saint Paul Editora, 2014)





No seu livro *Economia Chinesa*, o senhor fala na necessidade de um rebalanceamento do modelo econômico chinês. O que isso significa?

A China consome muito, mas produz muito mais do que consome, então esse delta ela vendia para os Estados Unidos. Mas quando veio a crise [financeira mundial] em 2007, e o auge em 2008, ela não tinha mais para quem vender todo esse excedente. Só que, para legitimar um governo de partido único, é preciso evitar tensão social, e para evitar tensão social é preciso crescer. Se o motor das exportações já desligou, sobraram dois motores, o do consumo e o do investimento. O consumo não dá para aumentar de uma hora para outra. Por isso que agora o Brasil, a América Latina e a África viraram o *darling* da China. E passamos a assessorar os investimentos deles aqui. Tem muita empresa chinesa precisando de uma gama de serviços aqui, como fechar câmbio, folha de pagamento, assessoria no BNDES, assessoria de *project finance*. Está passando uma baleia de recursos na frente dos empresários brasileiros, então é hora de começar a entender o *mindset* do chinês, que é muito diferente do nosso.

A base da sociedade chinesa é confucionista.

Confúcio diz que o importante é a harmonia do ambiente, é o respeito à "face", o importante é você estar no meu círculo de confiança: família, subordinado, chefe e amigo. Pode não parecer, mas isso é muito complicado. Quando você vai fazer negócios, o chinês não vê problema em falar uma

mentira branca para você, porque ele acha que trará uma ruptura na harmonia se falar claramente: "Eu não quero fazer negócio com você". Quantas e quantas vezes eu visitava uma empresa e eles diziam: "Talvez iremos fazer negócios com vocês", mas o que no fundo estavam dizendo era "não vamos fazer negócios com vocês". O chinês não é como o alemão, não é como americano, não é direto. Claro que isso está mudando, mas é uma sociedade muito hierarquizada. Lá, um empregado nunca deve desafiar o chefe. É horrível, porque às vezes você quer fazer um *brainstorm*. Não tem *brainstorm*, não tem debate, você é meu chefe, você sabe o que faz. Às vezes eu visitava uma empresa e era o maior na hierarquia, falava com o presidente, mas quando um chefe meu vinha do Brasil, ele dava toda a atenção a ele, toda a sua "face", e praticamente não olhava na minha cara.

Isso é cultural, não tem nada a ver com o regime político?

Essa questão da "face" é algo cultural. Já a questão do debate tem um lado político, porque sofre influência maoísta.

Quais os ingredientes-base para a China ter-se tornado uma potência econômica em um período relativamente curto? Um deles teria a ver com a demografia e a enorme capacidade da força de trabalho? O regime autoritário teria sido outro fator?

Vamos começar pelo lado econômico. Até 1978, a China não era nada. O regime maoísta não deu certo; no Grande Salto à Frente, pelo menos 20 milhões de pessoas morreram de fome. Em 1979, Deng Xiaoping disse: "Eu já sei que o comunismo e uma economia de planejamento central não funcionam. Então eu quero pôr, aos poucos, meritocracia na economia". Não fazer um *big bang*, pois aí o Partido Comunista teria de sair do poder. Ele determinou: você tem que produzir isso e eu dou isso de *input*. O excedente que for produzido é seu. Então, começou-se a produzir mercado. Isso foi dando certo.

Aí começaram a pensar qual seria o motor de crescimento da China, que sempre foi voltada para exportação e investimento. Em economia não existe almoço de graça. Alguém pagou por esse subsídio. Por que a China virou competitiva? Primeiro: não há a menor dúvida de que o câmbio não é de livre flutuação. Em um país com US\$

3,7 trilhões de reserva internacional, obviamente o câmbio é manipulado. Isso tira a renda da população e passa a renda para a produção. Segundo: o salário na China sobe, mas sempre aquém da produtividade do chinês, diferentemente do Brasil, onde nos últimos dez anos o salário subiu além da produtividade.

Você está vendo que estou sempre beneficiando a produção, não o consumo. Tem também a chamada repressão financeira, ou seja, é muito limitado o volume de recursos que pode sair da China (investimento especulativo, não direto) e a taxa de juro é muito baixa: 2,75%, ao passo que o PIB cresce 7,3%. Com isso, está acontecendo uma transferência de renda. O governo subsidia o capital para ajudar a produção.

Aí chega ao seu ponto: os combustíveis fósseis têm subsídio, de praticamente 1,7% do PIB. Não exis-

te respeito pelo meio ambiente da forma que a gente gostaria. Oitenta por cento da energia elétrica na China é produzida em termelétricas a carvão e, até o final de 2007, menos de 60% dessas termelétricas tinham sistema de dessulfurização, que tira o enxofre das emissões atmosféricas.

Então você subsidia a produção e diminui a renda do trabalhador para ficar mais competitivo. Exporta horrores e ainda tinha alguém do outro lado do mundo louco para comprar esse excedente: os Estados Unidos. Veio a crise, a China pensa para quem vai vender, e começa a perceber que o Brasil está interessado. Na verdade, não é o Brasil que compra, é a China que vende. Eles têm claro conhecimento do que querem e como vão pagar. Eles sabem tudo, fazem a lição de casa antes.

Mas antes da crise eles já vendiam muito pra nós, não?

Agora é muito mais. Lá o salário cresce abaixo da produtividade, então o preço é muito barato, tem depreciação cambial, não se respeita o meio ambiente como se deveria. Aqui, entre 2002 e 2012, a inflação subiu 99% e o salário mínimo, 240%. É óbvio que a indústria brasileira, para manter a margem, tem que passar esse aumento salarial e de impostos para os preços. Só que, se passar para os preços, vem o chinês e come você por baixo. Então houve um processo de desindustrialização com chineses e sul-coreanos vindo pra cá. Houve um movimento geoeconômico que afetou o Brasil em alguns pontos maleficamente e em outros beneficentemente. Mas a China já percebeu desde 2010, 2011 que não dá para continuar confiando nas exportações e nos investimentos. Porque, quanto mais investe, aumenta a capacidade produtiva e/ou a infraestrutura. Mas por que vai aumentar a capacidade se não tem mais tanta gente querendo comprar? Vão sofrer de *overcapacity*.

Por essa razão eles querem fortalecer o mercado doméstico?

Sim, e como vão fazer isso? Aumentando o salário além da produtividade. Das 23 províncias, 16 tiveram aumento de salário de 16%. Vão acelerar o processo de apreciação cambial e começar a endereçar os problemas da repressão cambial e do meio ambiente.

Com uma população gigantesca consumindo mais, qual o impacto disso para consumo de recursos naturais, energia e emissões de carbono?

Ao migrar para serviços, as emissões serão menores. Daí o acordo com os EUA

Depende do que se vai consumir. Como o investimento vai cair, isso prejudica o preço do minério de ferro, o nosso principal produto de exportação. Se o chinês vai consumir mais, o preço de commodities agrícolas deve subir, também porque a oferta dessas commodities aumentou muito. Você pode perguntar por que a China não faz essa mudança de uma vez. Veja bem, a China é um Titanic, se reverter todos esses subsídios de uma vez, quebra praticamente todas as empresas estatais chinesas e haverá um *hard landing* em vez de um *soft landing*.

O problema do crescimento baixo a História mostra: em 1989, quando cresceu 2,5%, houve o massacre da Paz Celestial. Aqueles protestos de Hong Kong querendo mais independência já são o subproduto de um crescimento menor. Crescimento menor vai bater em desemprego e tensão social. Por isso que a China tende a crescer entre 5% e 6% na média nos próximos anos. Em relação às emissões: em uma economia mais voltada para o consumo, a indústria não poderá ser o fator-chave de crescimento, tem de ser serviço. A emissão tende a não explodir mais. A *overcapacity* tem de diminuir. Só nós três aqui dessa mesa poderíamos tocar uma siderúrgica, o que faz bombar o PIB, mas não gera empregos nem renda. Mas, se a China investir em serviços, que gera mais emprego e renda, a emissão é menor. Tem um lado macroeconômico que pode ajudar o nível de emissão da China.

Por isso foi firmado esse acordo de redução de emissões com os EUA?

Lógico. Ela já vem com o negócio todo pronto. A China já sabe exatamente o que quer. Mesmo assim, ainda precisa endereçar o problema do meio ambiente. Um estudo da Elizabeth Economy [especialista em estudos sobre a Ásia do Council of Foreign Relations] mostra que o custo do meio ambiente é 10% do PIB.

Ela precificou a externalidade ambiental?

Isso, ela levou em conta as mortes por problemas ambientais, a expectativa de vida. Um exemplo.



O governo preocupa-se com o ambiente porque isso pode ameaçar o Partido Comunista

Para sobrevivência básica, o ser humano precisa de 2 mil metros cúbicos de água *per capita* por ano. Mil já é um nível em que passará necessidade. No Nordeste da China, onde é a Manchúria, que o Japão invadiu, existem 1.100 metros cúbicos *per capita* por ano. Não tem água na China! Pelo menos 40% da água da China não dá pra usar pra nada. Províncias estão colapsando, porque o lençol freático secou. Tem desertificação e contaminação. O governo chinês está preocupado com o meio ambiente porque vai afetar o crescimento econômico, o que pode gerar tensão social e ameaçar o Partido Comunista no poder.

Na prática, o governo está fazendo alguma coisa efetiva em relação ao ambiente? Ou seriam investimentos marginais, na franjas?

Está na moda agora falar em painel solar. Ela produz bastante, mas mais ainda para exportar. Ela vai endereçar cirurgicamente o problema que de alguma maneira prejudique o crescimento. O interesse é sempre legitimar o Partido Comunista. Cerca de 600 mil pessoas morrem por ano por conta da poluição do ar. A China é muito rápida quando quer fazer alguma coisa.

Devido ao sistema político?

Sim, eles decidem, e pronto. Eles estão conseguindo internalizar externalidades positivas. Lá, se você investir em *green economy*, eficiência energética, energia fotovoltaica, vai ganhar incentivo fiscal. Coisa que o Brasil não tem, né? Aqui no Brasil é uma coisa engraçada, até pouco tempo atrás, competiam, no leilão de energia, solar e termelétrica. Óbvio que a solar nunca vai ganhar. Ninguém vai investir por conta própria em solar, isso depende de política pública. E o chinês está subsidiando essa substituição.

Então painel solar não é só para exportação.

Não, agora estão começando essa política aí.

E desde quando essa mudança de orientação para uma economia mais verde começou?

Teve um turning point?

O mercado mais verde vem *pari passu* com o re-balanceamento econômico, quando o serviço passa a suplantar a indústria.

Mas e quanto a essa orientação de uma política mais voltada para a sustentabilidade?

Isso já estão fazendo. Quando teve o Plano Quinquenal de 2006, já queriam fazer isso. Mas aí veio a crise de 2007 e praticamente abortaram tudo. Então houve o Plano Quinquenal de 2011, mas já era a fase final do governo Hu Jintao. Entrou o Xi Jinping. Ele tem cacife político para fazer isso, então existe um *turning point* quando entrou o Xi Jinping.

O que é ter cacife político em um país sem democracia?

Você pode ter democracia dentro do partido. Tem dois tipos de ditadura. Você pode falar mal do presidente? Fora, não pode. Mas dentro, sim. Dentro do partido tem cacife político? Tem, ele é (ou não) apoiado internamente. Sobre democracia, aliás, queria colocar um ponto. Eu geralmente tendo a falar isso e as pessoas acham que estou defendendo a ditadura, mas não estou. A China é um enorme continente (*desenha um esboço de mapa*), com 23 províncias, 4 regiões autônomas, vários dialetos e minorias étnicas. De 1945 a 1949, Taiwan, que era do Japão, virou uma terra de ninguém. Quando aconteceu a Revolução Comunista, os nacionalistas saíram da China e fundaram Taiwan. No entanto, a China não admite que seja uma coisa separada. Tem o Tibete, só que o dalai-lama mora na Índia, e ainda uma província islâmica chamada Xingiang em cima do Tibete, e Hong Kong, o território se tornara britânico por causa da Guerra do Ópio em 1842, que voltou para domínio chinês em 1997. Se eu der mais democracia ou independência para uma região, o que a outra vai pedir?

A mesma coisa.

Só que aqui tem uma enorme reserva de gás e petróleo. O Tibete tá aqui. E quem está fazendo fronteira com Tibete é a Índia. O Tibete não tem nada, então, na minha concepção, a Índia anexaria o Tibete e ficaria perigosamente perto da reserva de gás. O problema nem é o gás. O problema é tornar o Tibete independente – todos os outros vão querer.

E aí isso aqui se desmantela como uma grande União Soviética. Então não dá para ter uma democracia. Veja, não estou defendendo a ditadura.

Tínhamos justamente preparado uma

pergunta sobre isso: usamos muito a nossa visão ocidental e nossos valores ocidentais de democracia para julgar o restante do mundo. Deixando de lado essa visão preconcebida que temos da China, seria possível o país chegar onde chegou, incluindo mal ou bem 1,37 bilhão de pessoas, se tivesse um regime democrático?

Eu não acho que chegar onde chegou tenha grande relevância com o aspecto do regime democrático. A questão é a diversidade geográfica e demográfica. A China pode fragmentar muito facilmente e deixar de existir. Se fosse um país mais igualitário em termos demográficos, geográficos e linguísticos, poderia, sim, ter democracia com crescimento econômico. Agora, democracia com essa diversidade toda, não dá para ter. Nenhum chinês tirando Hong Kong e Taiwan quer votar para presidente, não existe isso. Eles querem crescer. Querem emprego. Quem está no campo espera que seu filho possa participar “da festa” na zona urbana.

Como está a transição do rural para o urbano?

Agora são 49% da população na zona rural e 51% na urbana. O problema é que quem está na zona rural não pode se mudar para a urbana. Tem o chamado Hukou, sistema de registro de onde você nasceu, com o que o Xi Jinping está tentando acabar. Aí a gente vai lá para o começo da História.

Quando o Mao dividiu tudo isso daí, quis industrializar o país inteiro com o Grande Salto à Frente. Lênin começou uma coisa boa; Stálin começou tudo errado, porque quis industrializar, mas não tinha capital. Mao tentou a mesma coisa. Então tirou um monte de gente da zona rural agrícola e levou para as fábricas na zona urbana. Por isso houve toda aquela fome. E todo o benefício – assistência social, de saúde – foi para a zona urbana. Ele falou: “Vocês da área rural estão em coletivos e depois em comunas, e se virem para se proverem assistência. O governo não vai intervir”. Você vê que o governo largou a zona rural na época de Mao e privilegiou a urbana. Aí o Hukou foi criado para impedir que houvesse migração para a área urbana, onde morar era um privilégio. Agora, está havendo um processo de urbanização cada vez mais rápido.

Até para ter mercado interno de consumo.

Exatamente. Isso ajuda o motor de crescimento. Mas teriam de ir para serviços.

E, com a crescente urbanização, quem vai produzir os alimentos?

Em grande parte, já vêm de outros países. Eles também vêm para o Brasil, produzem a soja e vendem para a matriz. O Chongqing Grain Group, por exemplo, fez uma aquisição [*de terras*] de US\$ 2 bilhões na Bahia.

Voltando ao começo da entrevista, do relacionamento, da “face”, a gente está se preparando para isso?

Não. O empresário brasileiro, em geral, não sabe o que está fazendo lá. Não quer ir para a China. Em grande parte, prefere o “circuito Elizabeth Arden”, ou seja, ir para Nova York, Paris [*Elizabeth Arden foi uma cosmóloga canadense que criou uma linha de perfumes e cosméticos famosos*]. Filho, você tem que ir lá, se não, o seu competidor vai!

Isso se deve a uma característica do brasileiro, ou por ser a China um país diferente do padrão ocidental?

Há um grande preconceito, de pessoas estudadas, que me perguntam: “O que você comeu lá?”, “Eu não teria coragem de morar na China”. Olha, eu até procurei, mas não achei nada de muito exótico para comer. Para se ter ideia da visão estereotipada que se faz do chinês. É muito

bom morar em Xangai. Mas tudo são prós e contras. Se você quiser sair às 2 da manhã para comprar alguma coisa, pode ir tranquilo. Eles nem sabem o que é arma de fogo. Um deles me perguntou: “Você já viu revólver?” Eu disse: “Cinco vezes na minha cara”. Eles parecem crianças. Lembram o brasileiro da década de 70. Na China, tem outro tipo de liberdade, que é a de poder andar tranquilamente na rua. No Brasil você sai e não sabe se vai voltar pra casa.

Em termos conceituais, o senhor acredita que sustentabilidade e regime autoritário podem coexistir?

É mais fácil. Veja a história da sacolinha plástica. Eles decidiram e, no dia seguinte, a sacolinha gratuita acabou e pronto. Quem quiser que pague. O único problema que já tá sendo endereçado é que, para le-

O chinês em geral não quer votar para presidente. Quer emprego, crescimento



gitimar um governo único, precisa ter crescimento econômico. Então Beijing (ou Pequim, o governo central), por mais que queira endereçar o assunto do ambiente, esbarra nos governos das províncias. Estes ainda são avaliados pelo aumento do crescimento econômico. Cada província tem o seu Environmental Protection Bureau. Só que esses EPB estão ligados aos governos locais, então é praticamente um capitalismo de compadre. Existe muita lei, mas, quando

chega no aspecto local e se vê que vão gerar demissões, aumentar custos, as leis não são cumpridas. Isso porque o *target* do governador local é fazer o PIB crescer para ele subir na hierarquia do Partido. O que o governo central fez foi dizer aos locais que o objetivo agora é diminuir emissões

atmosféricas, reduzir a mortalidade infantil, além de crescimento econômico. O Xi Jinping já falou que quer incluir variáveis de sustentabilidade nesses objetivos locais. Importante deixar claro que sustentabilidade não é modismo na China.

Como está a situação da mão de obra? Existe mesmo muita situação análoga a escravidão?

Para o nosso conceito de escravidão, sim. Na China o cara quer enriquecer. Então, quando entra em uma fábrica, quer trabalhar 16 horas por dia. Ele fala: “Se eu não puder trabalhar 16 horas por dia, eu não trabalho na sua empresa”. Aí você pode falar das condições de moradia, de fato a situação é um inferno, de menos 20 graus a mais de 40 graus. Mas aí tocamos um ponto legal: o que é certo e o que é errado? “Eu tenho 4.000 anos, você tem 500. Na sua concepção, que é influenciada pelas ideias do Iluminismo, você acha que está certo. Já eu sou influenciado pelas ideias do Confúcio. Eu não passei pela Revolução Francesa”. O ocidental vai dizer: “Contar uma mentira branca é pecado”. E o chinês vai responder: “Filho, eu não tenho os Dez Mandamentos aqui”. Mas veja, respeitar não quer dizer que você precisa aceitar o que ele fala.

Por isso tem o tão importante “guanxi”. Para fazer parte dele, precisa ser meu amigo e para isso a gente tem que sair bastante, tem que beber e aí fica praticamente uma contabilidade moral. Eu te ajudo num lugar, você me ajuda no outro. Por isso que os contratos geralmente não eram *enforceables* [aplicáveis]. Para que contrato, se você é meu amigo, nunca vai me sacanear? Se você é da minha família,

tudo pra você. Se você é meu amigo, tudo pra você. Se você é meu chefe, tudo pra você. Se você está fora, é nada. Eu não vou nem respeitar fila no supermercado ou para embarcar no avião. Eu não acho que isso é errado. Há 4 mil anos é assim. Tem uma brincadeira de que chegaram para o Deng Xiaoping perguntando o que tinha achado da Revolução Francesa, e ele respondeu que era muito cedo para dizer.

O Ocidente gosta de pegar uma bandeira e achar que é dele. Há muito estereótipo

A definição de Amartya Sen para desenvolvimento, como expansão das liberdades, seria uma visão ocidentalizada (embora Sen seja indiano)?

Evidências empíricas mostram que, sem liberdade, você continua crescendo.

Então, aí se poderia ajustar essa afirmação falando em desenvolvimento econômico em vez de crescimento econômico. Crescer é fácil. Eu quero saber de outras variáveis. Talvez por condições geográficas e demográficas, talvez tenha que ter mesmo um partido único, senão se desmembra, como falamos antes.

Mas além de crescer eles estão se desenvolvendo?

Sim.

O que nós, brasileiros, temos de bom para aprender com eles?

Planejamento e deixar de lado o preconceito.

E o que o senhor mais aprendeu na China?

A melhor coisa de morar fora – não no “circuito Elizabeth Arden” – é que você derruba vários preconceitos. Não falo só da China, mas de Vietnã, Camboja, Malásia. Você acaba entendendo como é o comportamento, o respeito. Tem muito estereótipo, como de achar que a mulher chinesa não tem espaço. Só que na China a maioria dos presidentes de banco é mulher. Outro é de achar que os caras do Tibete têm de ser livres. Quem falou que eles querem ser livres? Eles não conseguem viver sozinhos. Eles querem mais é uma autonomia religiosa. O Ocidente gosta de pegar uma bandeira e achar que é dele. O que mais aprendi foi quebrar preconceitos, paradigmas.

Assista a vídeo com trechos da entrevista em fgv.br/ces/pagina22



Se oriente, rapaz

Além da migração maciça para as cidades, chama atenção a disparidade nos números de homens e mulheres. Que efeitos isso trará para a China ainda está para ser desvendado

A no passado estive na China por cinco semanas, tempo bastante para me localizar e para me perder por lá. Foi a terceira vez que visitei o país mais populoso do mundo e a primeira que estive em Weihai, cidade natal de meu avô Wong Chung Chun, que há 56 anos veio de mala e cuia para o Brasil. Quando voltei de viagem, ele perguntou: o que você pensa da China? Assim como Marcelo Gleiser em seu livro *A Ilha do Conhecimento*, imagino que, quanto mais sabemos sobre o Império do Meio (significado de China em mandarim), maior o nosso desconhecimento.

Um dos aspectos que mais me impressionaram diz respeito às escalas, urbanização e demografia. Até 1978, a China foi majoritariamente rural, com mais de 80% da população no campo. Desde 2011, mais da metade da população vive nas cidades e até 2025 serão 70% da população. Esse planejamento do governo central movimentará mais 250 milhões de trabalhadores rurais para as cidades, parte de um esforço de reorientação da economia para o incremento do consumo interno. De acordo com levantamento da Universidade de Tianjin, entre 2000 e 2010, mais de 1 milhão de vilas rurais desapareceram, o que resultou no sumiço de cerca de 300 vilarejos por dia. Com isso, perdeu-se muito do patrimônio cultural imaterial desses lugares .

Neste contexto, dois documentários chamam atenção. O curta *Down to the Countryside* narra a emergência de um movimento de residentes urbanos retornando ao campo em busca de uma vida mais simples e próxima da natureza. Essas pessoas acreditam que uma China rural qualificada e com pessoas criativas é essencial para a prosperidade do país e investem seus recursos para fazer do campo um espaço vivo.

O outro documentário — *The Land of Many Palaces* — retrata Ordos Kangbashi, a mais famosa das cidades fantas-



mas chinesas, construída nos arredores de uma promissora mina de carvão em uma parte remota da China e para onde milhares de agricultores estão sendo realocados. Como parte dos fazendeiros não está totalmente convencida dessa mudança, em especial pela incerteza do valor de compensação por suas terras (na China toda terra pertence ao governo), é trabalho de oficiais do governo vender o estilo de vida urbano. O que envolve auxiliar os novos moradores com treinamentos de como usar o aquecedor do banho, a tevê a cabo com 100 canais, não esquecer de desligar o gás do novo fogão, não cuspir no chão e aguardar o sinal verde para atravessar.

Uma das pessoas mais interessantes que conheci na viagem foi a repórter de guerra Karin Müller, em um mosteiro de Emei Shan. Em uma de nossas conversas ela mencionou um dado revelador sobre a demografia chinesa e os chamados “galhos vazios”: como decorrência da política do filho único, somada à antiga tradição da etnia Han (que corresponde a mais de 90% da população) de preferência por filhos homens — pois estes carregam o nome da família e são os responsáveis por cuidar dos pais quando velhos —, a proporção de gêneros entre as crianças de 0 a 15 anos hoje é de 117 meninos para 100 meninas. Uma proporção normal seria de 105 moços para 100 moças.

Com isso, 34 milhões de jovens adultos chineses terão poucas chances, ou nenhuma, de encontrar uma parceira chinesa . A questão é tão séria que, em quase todas as grandes cidades da China, pais reúnem-se em parques para anunciar seus filhos como bons partidos em uma espécie de feira de casamento. No dia 11/11 (um é o número solitário) celebra-se o dia do solteiro, data em que inúmeros eventos acontecem na tentativa de promover novos casais .

Além disso, os ‘galhos vazios’ também são considerados elementos voláteis na sociedade, isto é, caso se agreguem a movimentos políticos, passam a constituir uma ameaça à estabilidade social aos olhos do próprio governo. Nesse sentido, os dois casos representados nos documentários são projetos importantes para a China, visto que uma das maiores motivações para o êxodo rural ou a permanência no campo encontra-se na representação e realização de sucesso — um bom emprego que aumente as chances de encontrar uma esposa.

Todavia, na tentativa de urbanizar uma região ou inovar no campo a partir do zero, é evidente que essa lógica não acontece de imediato. Talvez ainda seja cedo para dizer se a nova cidade ou se o movimento de retorno ao campo prosperarão. A esperança é que o fluxo de pessoas em ambos casos gere um ponto de inflexão, criando demanda por bens e serviços e levando a formação de um fluxo de almas reais tanto para as cidades fantasmas da China quanto para as cada vez mais abandonadas vilas rurais. Difícil desvendar este momento de tantas mudanças, em ritmo acelerado e de magnitudes tão desproporcionais. Talvez a melhor resposta que possa oferecer a meu avô esteja mesmo no Tao: conhecer o Não-saber é elevação.

Veja em goo.gl/3PBynA goo.gl/1N1QTM
 goo.gl/ZpiFBY

Um gigante com pés de carvão

A China é praticamente um laboratório a céu aberto para o exercício da sustentabilidade: possui uma megapopulação em urbanização e enriquecimento crescentes em um mundo com limites ambientais cada vez mais estressados. Para onde caminha o país?

POR MAGALI CABRAL FOTO RENAN ROSA

“A época de estagnação aproxima-se do ponto em que uma transformação em direção oposta ocorrerá...”

I Ching



Vários indícios apontam que o prazo de sua economia marrom está vencido. A poluição se tornou entrave

➤ Segundo o Fundo Monetário Internacional, no ano passado a China ultrapassou os EUA em produção de bens e serviços. Veja mais em fxn.ws/12MyhZF

➤ Segundo dados do Banco Mundial, o carvão representa quase 70% da matriz energética chinesa

➤ A China tem o terceiro maior território do mundo e quase 1,4 bilhão de habitantes, metade dos quais ainda no campo

Há mais de 30 anos, desde que iniciou as reformas estruturais, a economia chinesa produz dados surpreendentes: tirou 400 milhões de pessoas da linha da pobreza em tempo recorde, acumulou cerca de US\$ 4 trilhões em reservas, tornou-se o exportador número 1 do planeta, passou a responder por quase um terço do crescimento global e está em vias de **→ assumir o posto de maior economia do mundo**. Do ponto de vista ocidental, é como se um lapso de dois séculos no tempo fizesse a Revolução Industrial reecodir em território chinês – agora em uma versão hi-tech, porém, como no século XVII e XVIII, alimentada **→ a carvão**. O custo dessa industrialização acelerada é uma concentração de poluentes como nunca visto. O bom é que hoje a China, além de farta mão de obra, detém conhecimento tecnológico e capital para desenhar seu futuro em tintas verdes e transformar-se em um grande laboratório exportador de sustentabilidade para o resto do mundo.

Vários indícios apontam que o magnífico gigante com pés de carvão reconhece que o prazo de sua economia marrom está vencido. A poluição tem sido um entrave à atração e à permanência de talentos nas grandes cidades do país.

Ao descrever o seu dia a dia na província de Zhejiang, ao sul de Xangai, onde vive com a mulher e três filhos, Yuan Hsieh, responsável pela operação asiática da brasileira Fras-le, empresa de pastilha e lona de freio do Grupo Randon, ilustra a gravidade da situação: “Aqui, a concentração de 80 partes por milhão (ppm) de partículas é considerada baixa poluição. Em São Paulo, se a concentração de poluentes no ar chega a 50 ppm, as autoridades recomendam não fazer exercícios ao ar livre, entre outras precauções”.

Cada um dos dois andares da casa de Yuan é equipado com sofisticados purificadores

de ar capazes de reter o material particulado mais fino que atravessaria um filtro comum. Outro dispositivo, também de última geração, foi instalado na pia da cozinha para conter a passagem de metais pesados. “Mas a água sai da torneira quase destilada, de modo que temos de tomar suplementos vitamínicos para repor os sais minerais que deixamos de ingerir”, conta. Em dias muito poluídos, para sair à rua, a família usa máscara com válvula. Dependendo da ocasião, pode até optar por modelos desenhados por estilistas europeus. Para se alimentar, Yuan Hsieh e sua família também procuram fornecedores confiáveis que usem água e adubo com procedências comprovadas. Apesar das dificuldades, ele não pensa em voltar para o Brasil, país onde cresceu e se formou.

Yuan crê na transição para uma economia mais verde na China, ainda que não venha tão rápido quanto se gostaria. Mes-

Nos últimos anos a China também produziu um dos níveis de desigualdade mais altos do mundo em desenvolvimento. Em 1980, o coeficiente de Gini para a renda pessoal nacional estava em 0,29. Em 2013, chegou a 0,49, segundo estudo da Universidade de Pequim. Mais em bit.ly/1BvSEXW e em bbc.in/14j66lf

mo que Xi Jinping, líder do Partido Comunista Chinês, esteja determinado a promovê-la, **→ as dimensões territoriais e a densidade populacional** são um empecilho a resultados de curto prazo. No entanto, a China tem quebrado teorias no campo econômico e político, conforme ressalta o professor titular do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB) e especialista em negociações climáticas, Eduardo Viola. O país cresceu a altas taxas depois de ter ultrapassado o limiar da pobreza. Mais tarde, já como uma economia de renda média, continuou crescendo a uma taxa gigantesca e ainda hoje cresce muito. “Isso para a teoria econômica é algo impossível”, avalia.

LIBERDADE

Na análise *in loco* de Yuan Hsieh, apesar de estar enriquecendo, o povo chinês continua muito obediente às ordens do poder central. “Por exemplo, quando chega uma decisão de

Pequim para que as saídas fluviais das fábricas tenham um determinado diâmetro, ninguém a discute. Simplesmente se executa a obra e ponto final.” Foi assim, também, com as sacolinhas plásticas que, como no Brasil, eram oferecidas gratuitamente em supermercados e no comércio em geral. De um dia para o outro, deixaram de existir nos supermercados — no restante do comércio é preciso pagar por elas. Em vez de protestar ou entrar na Justiça devido à queda na produção, a indústria imediatamente adaptou seu maquinário para trabalhar em outras frentes, enquanto os consumidores muniram-se de sacolas retornáveis para ir às compras.

Ora, os chineses têm medo da patrulha comunista, dirão alguns. Que nada, esse tipo de comportamento é de ordem cultural e vem dos primórdios do confucionismo, dirão outros. Apesar de a discussão ideológica estar fadada ao dissenso, uma das grandes questões internacionais é saber por quanto tempo a China conseguirá avançar cada vez mais na economia de mercado, mantendo-se estagnada em termos de liberalização política ■.

“Esse tema tem muita repercussão no sistema internacional”, afirma Eduardo Viola. “Pela teoria política, é difícil sustentar um regime autoritário com aquele nível de classe média e de renda, mas a China é um lugar muito especial e não tenho uma resposta para isso”, diz o professor da UnB que, no entanto, acaba arriscando uma previsão: “Quanto mais avançar para uma economia de mercado, mais provável acontecer um processo gradual de abertura. A transição para uma democracia deverá ser lenta e na linha de Cingapura [não tão aberta quanto nos padrões ocidentais]. Mas eu não saberia dizer o que chinês quer”, pondera.

“Não dá para fazer comparações lineares da cultura Ocidental com a Oriental”, argu-

menta a chinesa Ling Wang. Ela nasceu em Taiwan e hoje, estabelecida no Brasil, viaja pelo menos duas vezes por ano para a China continental a negócios. Ling oferece assessoria para empresas que querem fazer transações com o país asiático e vice-versa e ajuda a encontrar fornecedores ou **→ sócios** para quem deseja montar empresa por lá. Sobre liberdade, ela relativiza. Põe na balança questões como a criminalidade. “É livre alguém que não pode andar na rua a qualquer hora do dia em segurança?”, pergunta. E descreve o espanto de uma cliente sua do Rio de Janeiro que, durante um percurso no metrô de Xangai, às 11 horas da noite, deparou-se com crianças na faixa dos 10 anos de idade voltando sozinhas para casa com seus instrumentos musicais. “Minha cliente lamentou que seus filhos, na mesma faixa etária, jamais teriam a chance de vivenciar essa experiência.”

UNI-DUNI-TÊ

Essa preocupação com o regime político da China é natural, à medida que a influência internacional do país transcende o plano econômico, observa Clodoaldo Huguene, embaixador do Brasil na China, entre 2008 e 2013. Testemunha do período de grande ascensão econômica daquele país no mundo e da intensificação das relações com o Brasil, ele lembra que a China, além de membro

permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, é um país com relações multifacetadas (não só econômicas) com o mundo inteiro. “É hoje um parceiro fundamental para qualquer país”, assinala.

Para o embaixador, pelo menos três ações impactantes globalmente estão em curso na China neste momento. Uma é o **→ Banco de Desenvolvimento dos Brics**, que deverá começar a operar até o fim do ano em Xangai com US\$ 100 bilhões em caixa e vocação para infraestrutura sustentável.

O mestre disse: “Não te preocupes se as pessoas não reconhecem teus méritos; preocupa-te se não reconhecem os delas”. Confúcio, em *Analectos*

➤ Qualquer empresa na China deve ter obrigatoriamente um sócio chinês

➤ A VI Cúpula de Chefes de Estado e de Governo dos Brics, que anunciou a criação do banco, foi realizada em julho passado, em Fortaleza e Brasília

■ No link bit.ly/1uY2Zc8, veja um debate de peso e uma moção sobre o tema (em inglês)

A China detém vantagens como escala e rapidez para dominar as tecnologias do futuro

Outra é a nova Rota da Seda para incrementar o comércio com o Ocidente, uma espécie de cinturão econômico transeurásiano, inspirado na antiga Rota da Seda, com participação da Índia, Mianmar, China, Rússia, Bangladesh, Paquistão, entre outros. E, por fim, as metas conjuntas dos Estados Unidos e China para redução de emissões de gases de efeito estufa após 2020. Os EUA comprometeram-se a reduzir suas emissões de 26% a 28% até 2025 com base em 2005. Xi Jinping prometeu que o pico de emissões chinesas ocorrerá antes de 2030 e a partir daí haverá o declínio.

Sobre os Brics, Eduardo Viola levanta a tese de que ao gigante asiático interessa ser classificado como país em desenvolvimento, pois assim consegue mascarar seu poder no mundo e, de quebra, emplacar compromissos ambientais pouco significativos.

Para ele, a China já não é mais um país em desenvolvimento. É parte do centro de um sistema internacional que possui três polos: Estados Unidos, União Europeia e China. No entanto, diferentemente dos demais países, consegue um desconto nas metas ambientais, uma vez que ainda precisaria se desenvolver.

Em sua opinião, a proposta de um pico de emissões até 2030 acaba com qualquer possibilidade de se evitar a mudança climática perigosa, para além dos 2 graus. “Quando Xi Jinping fecha as termelétricas mais poluidoras, não o faz para diminuir as emissões de carbono, mas para diminuir a poluição local”, constata.

O coordenador do Sistema de Estimativa de Emissões de Gases de Efeito Estufa do Observatório do Clima, Tasso Azevedo, é mais otimista em relação aos compromissos ambientais chineses. O acordo firmado em novembro passado por Barak Obama e Xi Jinping, segundo Azevedo, é “importante e ambicioso”. Além da redução das emissões, a China também se comprometeu a atingir 20%

de fontes não fósseis ao longo desse mesmo período (até 2030). Caso isso aconteça, ele prevê um impacto na demanda de combustíveis fósseis em todo mundo, o que poderá provocar a redução dos subsídios, hoje calculados em meio trilhão de dólares anuais. E ainda, para atingir essa meta de fontes não fósseis, a China precisará triplicar ou quadruplicar investimentos anuais em fontes renováveis. “As curvas de custos dessas energias deverão ter queda ainda mais acentuada que na última década, com reflexos em todo o planeta.”

Qualquer que seja a sua motivação, a China tem potencial para dominar as tecnologias do futuro com vantagens tanto de escala como de capacidade de mudança rápida.

É o que diz o ambientalista e escritor australiano Paul Gilding, no livro *A Grande*

Com 6,5 mil quilômetros, a Rota da Seda teve um importante papel no desenvolvimento da civilização chinesa a partir da dinastia Han, em 206 a.C. Seus vários trajetos permitiram o comércio e o intercâmbio cultural entre os povos do Oriente (China, Índia, Indonésia etc.) e do Ocidente (chegava até o Mar Mediterrâneo)

Ruptura, lançado no Brasil no ano passado pela Editora Apicuri. Ele diz que não ficaria surpreso se a China instituisse um sistema nacional de fixação do preço do carbono antes mesmo que Estados Unidos e Austrália conseguissem aprovar esse tipo de medida em seus respectivos processos políticos.

“Nos últimos anos, a China vem tomando decisões cada vez mais incisivas no sentido de forçar mudanças de orientação ambiental em sua economia, ao passo que as democracias de mercado têm patinado”, afirma Gilding. Ele lembra ainda que a China já é o maior fabricante de painéis solares fotovoltaicos do mundo, e o maior mercado de energia eólica.

POVO “RAÇUDO”

Outro movimento já bem definido é a transferência das indústrias chinesas mais poluentes, como as de produtos cromados (brinquedos e peças automotivas), ou de mão de obra intensiva, para países mais pobres – entre eles, Vietnã, Mianmar, Camboja e Indonésia –, o que a rigor faz grande diferença

para as emissões chinesas e nenhuma para o aquecimento global e os efeitos da mudança climática. Com essas transferências, a China melhora a sua imagem, não apenas na área climática, mas também na área trabalhista. Além da poluição e do regime não democrático, a exploração de mão de obra é outro tema polêmico na esfera da sustentabilidade. Os consumidores conscientes querem ter certeza de não estar consumindo o suor de mão de obra escrava quando compram produtos chineses.

O consultor para negócios na China Fabio Carvalho, que morou cinco anos em Changsu, a uma hora de Xangai, e participou da montagem de uma planta para a Votorantim Cimentos, diz que nos grandes parques industriais do país o trabalho é totalmente regulamentado. Porém, afastando-se desses grandes centros, os padrões de segurança, de fato, vão relaxando, a exemplo do que ocorre também no Brasil.

“Creio que esse é um processo natural de transição. Se olharmos para três décadas atrás, quando estava começando o plano de desenvolvimento chinês, a única coisa que tinham era uma imensa e faminta população disposta a fazer qualquer coisa para melhorar de vida.” Segundo Carvalho, é egoísmo dos ocidentais só criticar e não ver o movimento do país como um todo. “O governo de Pequim estabeleceu prioridades e regular a segurança do trabalho é uma delas.”

Em consonância com o que disse o professor Roberto Dumas na entrevista que abre esta edição, o advogado José Ricardo dos Santos Luz considera o chinês o povo mais “raçudo” que existe. Durante cinco anos ele atuou como representante do escritório Duarte Garcia, Caselli Guimarães e Terra Advogados naquele país. “Não conheço ninguém que trabalhe tanto.” Segundo ele, muitos chineses se deslocam do campo para a cidade exclusivamente para trabalhar, ajudar os familiares e, quem

sabe, enriquecer. Devido ao êxodo do campo para a cidade, algumas grandes indústrias na China construíram instalações habitacionais nas imediações das fábricas para abrigar trabalhadores que ainda não têm onde morar.

Então, empresas de auditoria ocidentais avaliam esse tipo de iniciativa como uma condição de trabalho análoga à escravidão.

Em 5 anos, a Índia aumentou em 70% a atividade de termelétrica de baixíssima qualidade. Usinas similares às que a China está fechando estão sendo abertas em Nova Délhi, que hoje é duas vezes mais poluída que Pequim, informa Eduardo Viola

MONUMENTO

Além das pesquisas e entrevistas com conhecedores da realidade chinesa, PÁGINA22 também consultou o → *I Ching*, *O Livro das Mutações*, propondo a seguinte pergunta: Para onde caminha a

China no plano da sustentabilidade? Além de ser uma obra dedicada ao autoconhecimento, o *I Ching* vem sendo utilizado como oráculo desde a Antiguidade. É, na realidade, “um monumento ao pensamento chinês”, como disse o psiquiatra e psicoterapeuta fundador da psicologia analítica Carl G. Jung, no prefácio que fez para a versão de Richard Wilhelm.

Para descrever o presente, obteve-se o hexagrama 12 – Estagnação, em que o céu movimentava-se para cima e a terra para baixo, distanciando-se um do outro. Esse é um movimento típico de desequilíbrio e declínio, em que prevalecem a confusão e a desordem. Torna-se impossível uma atividade frutífera, ou seja, em vista de um projeto maior, o do crescimento econômico, a sustentabilidade está entorpecida. Porém, a linha mutante diz: “A época de estagnação aproxima-se do ponto em que uma transformação em direção oposta ocorrerá. O homem que é chamado a essa tarefa será ajudado pelas condições do momento...” Dando sequência à consulta, o hexagrama 20 – Contemplação, representando o futuro, traz a imagem do vento que sopra sobre a terra, pressupondo a chegada de coisas novas. “Quando o vento sopra sobre a terra, alcança todos os recantos e a grama inclina-se ante seu poder.”

Edição traduzida do chinês para o alemão por Richard Wilhelm e publicada em 1956, na Alemanha

Uma tarde **em Pequim**

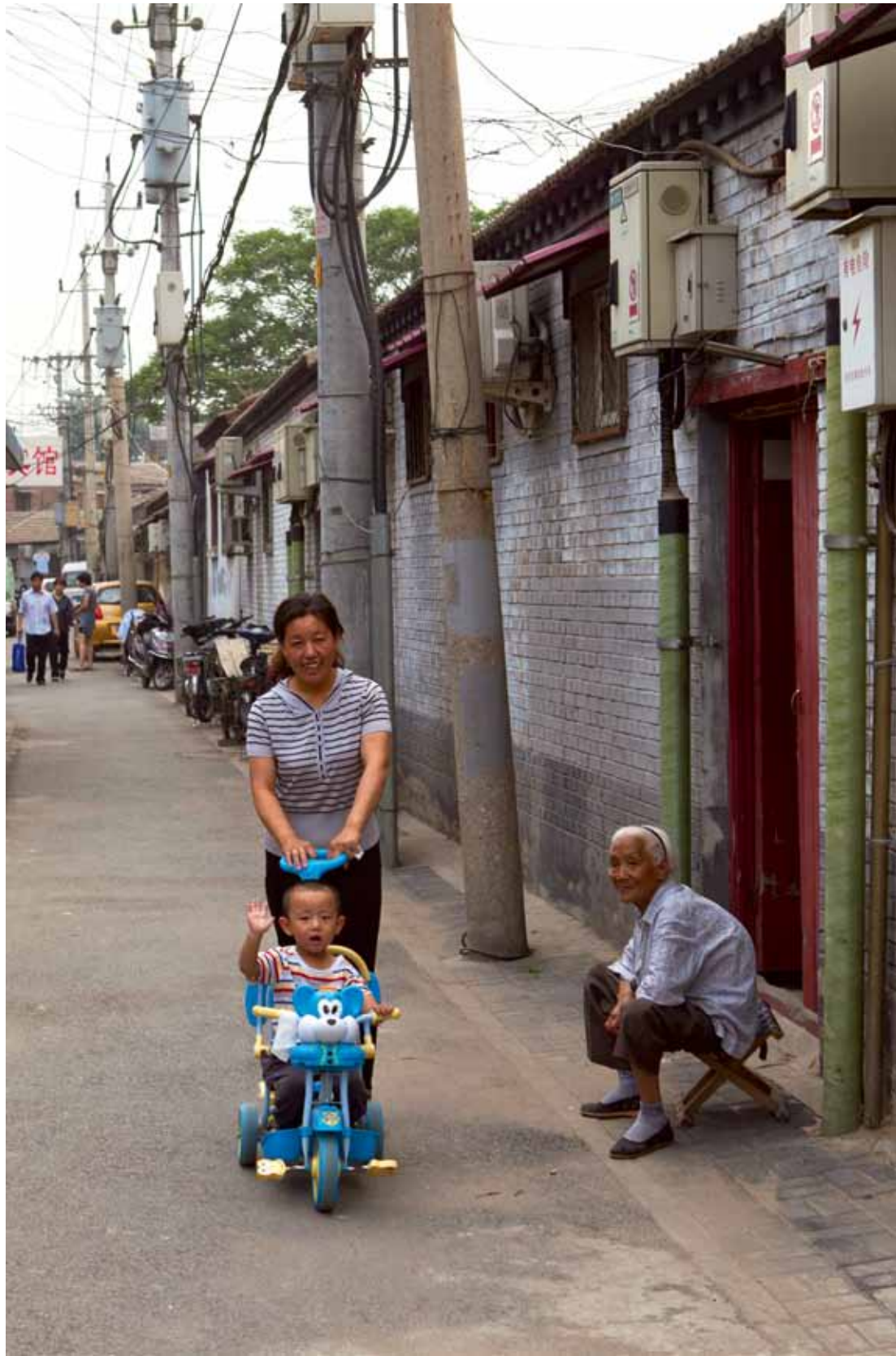
FOTOS **PAULO MARINUZZI/SELVA SP**
TEXTO **AMÁLIA SAFATLE**

A China como ela é aparece nessas fotos de luz crua de Paulo Marinuzzi. No coração da China, Pequim, grandes quarteirões abrigam em seu interior vielas que irrigam o cotidiano como artérias. Nessas pequenas vilas habitadas por gente simples pulsa a convivência entre as gerações.

Paulo, que foi a Pequim ajudar o pai a participar de uma feira de negócios, saiu uma tarde pela cidade com a câmera na mão. Como naquela hora muitos adultos estavam no trabalho, deparou-se com idosos e com as crianças que ficaram sob os cuidados de avós. O pequeno chinês, muitas vezes filho único, mal sabe que, ao crescer, terá de cuidar de uma extensa família. O aumento da longevidade fará com que tenha de retribuir os cuidados a seus pais e avós, além da própria esposa, filhos e sogros, em um delicado desequilíbrio imposto pelas mudanças demográficas.





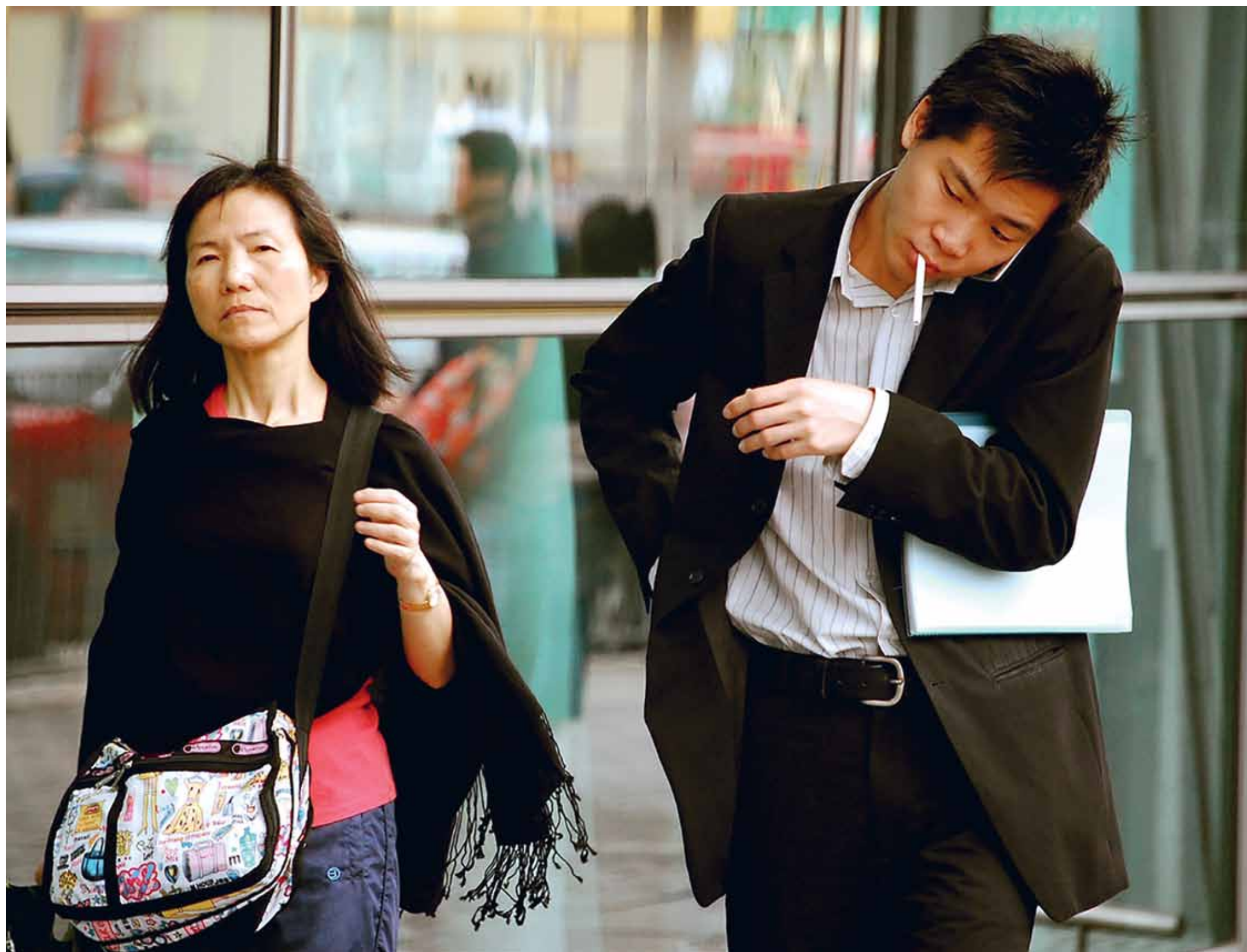




Caminho do **(Império do)** Meio

Tentar explicar a China como um país agarrado a tradições milenares significa cometer mais um dos clichês que não refletem a realidade. Lá, a diversidade suplanta a ideia de uma identidade única

POR **FÁBIO RODRIGUES**
FOTO **RENAN ROSA**



Um dos maiores estereótipos é pensar que existe uma personalidade chinesa. Manter a coesão é o grande objetivo

Se, como dizia Tom Jobim, “o Brasil não é para principiantes”, a China exige, no mínimo, nível sênior. Trata-se de um país superlativo sob praticamente qualquer ponto de vista. Basta desfiar alguns dados para deixar isso evidente: são quase 9,6 milhões de quilômetros quadrados (3º maior do mundo); mais de 1,3 bilhão de habitantes (1º do mundo) e, praticamente, 2.200 anos de história (desde a unificação da China Imperial, em 221 a.C.), ou cerca de 5 mil anos, se contarmos a data de início das primeiras dinastias. Números práticos não botar defeito. Mas, nas últimas três ou quatro décadas, uma quarta cifra tem roubado a cena – o Produto Interno Bruto (PIB).

Desde que → **Deng Xiaoping** iniciou, no fim dos anos 1970, o processo de reforma que deu origem ao *sui generis* socialismo de mercado que se pratica por lá hoje em dia, o país decolou. De 1977 para cá, o crescimento anual da economia chinesa só ficou abaixo dos 5% em dois anos – 1989 e 1990.

O resultado é que, em 2010, o país superou o Japão e assumiu o posto de segunda maior economia do planeta. Paralelamente, isso tem alimentado um processo impressionante de transformação social, com a proporção de chineses vivendo na miséria caindo de 60% em 1990 para módicos 12% no ano passado.

DESCONHECIDA

Apesar disso tudo, a China continua uma ilustre desconhecida para boa parte do mundo – ou, pelo menos, para a porção ocidental. Não facilita nada o fato de o país estar embalado em uma camada espessa de clichês.

A mítica da China está firmemente cra-

vada no imaginário ocidental desde, pelo menos, o fim do século XIII, quando o explorador italiano Marco Polo publicou o *Livro das Maravilhas*, narrando suas viagens. Tempo mais que o bastante para que o Ocidente inventasse sua própria versão para o país. “Essa visão do ‘exotismo’ [da China] foi muito promovida no século XIX, como forma de afirmar um discurso colonialista. Vivemos um rescaldo desse discurso”, opina o historiador André Bueno, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar).

“Um dos maiores [clichês sobre a China] é pensar que existe uma ‘personalidade’ chinesa”, resume Jeffrey Wasserstrom, autor de *A China no século XXI: O que todo mundo precisa saber*. “Subestimamos muito a quantidade de variação que há dentro da Chi-

O princípio “um país, dois sistemas” foi formulado pelo ex-secretário-geral do Partido Comunista, Deng Xiaoping, para reassegurar aos moradores de Hong Kong que eles continuariam vivendo sob o sistema capitalista

na. Existem diferenças regionais enormes, chineses de Xangai têm uma série de ideias negativas sobre os de Pequim e vice-versa; quem vive nas cidades se vê como superior a quem mora no campo”, prossegue.

CIVILIZAÇÃO

Toda essa diversidade e grandeza levou um dos mais proeminentes estudiosos da ascensão chinesa, o economista inglês Martin Jacques, a especular que a China não pode ser corretamente compreendida usando o conceito de Estado-Nação. Ela seria uma civilização.

Segundo ele, isso explicaria a facilidade com que o país tolera contradições como no caso do princípio “um país, dois sistemas”, criado para dar conta da reintegração de → **Hong Kong**. “Quase ninguém no Ocidente deu muito crédito a essa máxima; a presunção era que Hong Kong se tornaria como o resto da

China. (...) Mas, como um Estado-Civilização, a lógica chinesa é bem diferente. Como a China é vasta e incorpora tanta diversidade, ser flexível é uma necessidade”, explica o autor.

Para ele, tudo se resume a um dilema que perpassa a história chinesa: como manter a unidade de um território vasto e uma população imensa? Para Jacques, a unidade se tornou o valor central da cultura chinesa. “Manter a unidade, coesão e integridade da civilização chinesa – do Estado-Civilização – é entendida [pela população] como a maior prioridade política e é vista como o dever sacrossanto do governo chinês”, continua o economista.

Para o bem e para o mal, esse defensor é, no momento, o Partido Comunista Chinês (PCC), que tem monopólio absoluto do governo desde que bateu os simpatizantes do Kuomintang, em 1949. Nesses mais de 60 anos de ditadura, os comunistas protagonizaram episódios que eles mesmos assumem como desastrosos, como o → **Grande Salto À Frente**, a → **Revolução Cultural** e, mais recentemente, o → **Massacre de Tiananmen**.

Tanto que os detratores do comunismo chinês gostam de ressaltar que o sucesso econômico só veio depois que o país se abriu ao capitalismo. Mas a professora da UFRJ Valéria Ribeiro ressalta que não se tratou de capitulação incondicional. “A China mantém os planos quinquenais onde são definidas metas e diretrizes. A postura do Estado em relação à economia também nunca mudou. Nesse sentido, Deng Xiaoping não chegou a propor uma ruptura”, analisa. Além disso, a economia de mercado não é bem uma novidade por aquelas bandas. “O desenvolvimento industrial ao longo do Rio Yang-tsé era uma coisa incrível já no século XVII e, como eles não tinham feudos, o comércio já era livre muito antes que no Ocidente”, pondera o coordenador do Grupo de Estudos Brasil-China da Unicamp, o sociólogo Tom Dwyer.

NOVO CONFUCIONISMO

Para dar conta dos novos tempos, o partido tem se esmerado para se reinventar e mostrar

uma face mais amigável. Até alguns de seus críticos mais contumazes reconhecem que tem havido progresso. “Há problemas, mas, se você olhar para as sentenças que os dissidentes vêm recebendo, não é mais tão ruim quanto já foi. Não acho que [o Partido Comunista Chinês] continue tão brutal”, admite, com certa cautela, o pesquisador da Anistia Internacional, William Nee, que destaca que membros proeminentes do PCC – inclusive o secretário-geral, Xi Jinping – têm saído em defesa da noção de → **império da lei**. Contudo, Nee ressalta que esse

legalismo não deve ser visto como um rompimento com a tradição autocrática do comunismo chinês. “Eles querem que a justiça funcione para casos como disputas comerciais, mas o PCC continua no controle do judiciário”, completa.

Nesse esforço para aparar arestas, o PCC tem revisitado os preceitos do pensamento de → **Confúcio** com sua ênfase na ordem, hierarquia e harmonia. “Durante milhares de anos, as filosofias de ‘harmonia’, ‘benevolência’ e ‘cortesia’ de Confúcio têm estado profundamente enraizadas na cultura chinesa. Elas servem como diretrizes para o comportamento das pessoas até hoje na China contemporânea”, explica a coordenadora pedagógica do → **Instituto Confúcio**, Cai Lei.

“É o chamado Novo Confucionismo”, afirma André Bueno. Ele especula que o partido está redesenhando o país na forma de uma república burocrática, na qual os cargos do governo são preenchidos por funcionários públicos de carreira que tenham capacidade técnica e habilidade política.

“A China é uma civilização burocrática, desde a época imperial. Não é um sistema perfeito, mas os chineses o reconhecem como relativamente eficaz. A ideia de eleições diretas em que alguém sem qualquer qualificação pode assumir um cargo importante parece temerária para eles”, arremata.

Vale lembrar que, justamente por influência do confucionismo, a China foi o primeiro país do mundo a promover concurso público para a seleção de autoridades. A prática re-

O Kuomintang, ou Partido Nacionalista Chinês, foi fundado com o fim do Império, em 1911. Foi a força dominante da China republicana até ser derrotado pelo PCC. Seus remanescentes se refugiaram em Taiwan, proclamando a independência da ilha

→ **Deng Xiaoping** foi o chefe do Partido Comunista Chinês do fim dos anos 1970 até o fim dos anos 1980. Ele foi o principal responsável pelas reformas pró-mercado

→ **Hong Kong** permaneceu como colônia britânica de 1842 até 1997, quando voltou do domínio chinês

→ **Princípio legal** segundo o qual todos, inclusive o próprio governo, estão sujeitos às leis

→ **Campanha** que tentou industrializar a China em tempo recorde a partir de 1958. Fracassou desastrosamente, levando à Grande Fome, que matou milhões entre 1958 e 1961

→ **Período** marcado pelo endurecimento da repressão contra quem fosse percebido como um crítico da liderança de Mao sobre o PCC

→ **Também** conhecido como Massacre da Praça da Paz Celestial. Quando o governo chinês reprimiu violentamente uma série de protestos estudantis em junho de 1989

→ **Confúcio** viveu entre 551 e 479 a.C. e foi um dos maiores filósofos de todos os tempos. Seus ensinamentos sobre moralidade pessoal e governamental continuam particularmente influentes no pensamento chinês

→ **O Instituto Confúcio** é uma rede mantida pelo Ministério da Educação da China para promover o ensino da língua e divulgar a cultura chinesa. Desde que foi fundado, em 2004, já está presente em 471 localidades mundo afora. No Brasil o Instituto Confúcio opera em parceria com a Unesp

Os dados podem ser encontrados em goo.gl/pYrU5f Acesse o relatório de acompanhamento dos Objetivos do Milênio em goo.gl/kvwTNo

Veja a palestra do autor no TED goo.gl/fGuFmx goo.gl/1NqqID

A nova geração chega no momento em que a China pensa em ir do mero industrialismo para uma economia criativa

☒ A medicina tradicional chinesa considera que a bile do urso-negro-asiático é um remédio especialmente eficaz contra doenças dos olhos, fígado e vesícula. O quilo da substância chega a custar US\$ 24 mil

monta aos tempos da Dinastia Han (206 a.C. a 220 d.C.). “Enquanto, na Europa, o poder era hereditário, eles já realizavam concursos. São muito mais modernos que o Ocidente sob esse ponto de vista”, diz Dwyer.

ESTABILIDADE INSTÁVEL

Embora o confucionismo tenha se tornado, por assim dizer, a versão oficial da China, ele está longe de esgotar o assunto. “A noção de que a cultura chinesa deseja estabilidade e ordem é outro estereótipo. Certamente existe uma linha que valoriza essas coisas, mas, na cultura popular, temos uma outra linha que é praticamente oposta a essa e gira em torno da noção de que o mundo está de ponta-cabeça”, analisa Wasserstrom.

Dois dos textos mais relevantes da literatura chinesa representam bem esses dois “polos” complementares: em *O Sonho da Câmara Vermelha*, retratam-se os dramas de uma família aristocrática tradicional muito hierárquica do século XVII; já no épico do século XIV *Jornada ao Oeste*, são narradas as aventuras do Rei Macaco, uma semidivindade anárquica capaz de desafiar até os deuses. Ainda segundo Wasserstrom, manter o pêndulo da cultura chinesa de seu lado mais ordeiro envolve “muito esforço governamental para enfatizar as tradições duradoras e as raízes históricas do povo chinês”, sentencia.

Tentar explicar a China como um país agarrado a tradições milenares significa prender-se a mais um dos clichês que não refletem a realidade.

É evidente que as tradições ainda estão por lá, e contam bastante, mas o país é bem mais do que isso. Em meados de 2013 uma fabricante de insumos usados pela medicina chinesa tradicional chamada Guizhentang Pharmaceutical viu sua oferta de ações na Bolsa de Valores de Shenzhen virar um desastre de relações públicas quando grupos de defesa dos

animais e celebridades iniciaram protestos contra os planos da companhia de triplicar a produção de → **bile de urso**. No fim, a empresa foi obrigada a recuar.

AUTORITARISMO “SOFT”

“A China não tem consistência nenhuma! Lá é tudo misturado e está em transformação total a toda hora”, resume o sociólogo Tom Dwyer.

Na opinião de Wasserstrom, uma dessas transformações pode, muito bem, estar dando origem a “tipo novo de autoritarismo”. “O governo chinês propôs um novo tipo de acordo social e deu mais escolhas para as pessoas em suas vidas privadas em troca de manter o monopólio do poder”, complementa.

“Essa foi a solução que eles encontraram”, concorda Dwyer, referindo-se à fórmula de industrialização acelerada, crescimento econômico e abertura. “Um amigo, que é professor na Universidade de Pequim, me disse que, antes de Tiananmen, todos os alunos queriam discutir política, mas, depois, eles passaram a falar só em ficar ricos”, completa.

“Ficar milionário, de preferência rapidamente, é algo que está na fala das pessoas e elas buscam isso de uma forma muito agressiva trabalhando muito”, opina Ling Wang, sócia da Win Education Business Support – consultoria paulistana cujo negócio é construir pontes entre empresas brasileiras e chinesas.

Não é coincidência que, em 2012, a China se tornou o maior mercado nacional para produtos de marcas consideradas de luxo, com vendas que, segundo relatório publicado pela McKinsey&Company em dezembro de 2012 ☒, deverão chegar a um terço do total global desse mercado.

É uma mudança bastante radical de perspectiva – e de *timing* – para um país que, até os anos 1990, era essencialmente rural e po-

bre. De acordo com a Divisão de População da ONU, em 1995 só um terço da população chinesa vivia na cidade (no Brasil eram 77,6%), vinte anos depois já são 55,6%. “Muitas das raízes [culturais] da China rural já estão perdidas”, lamenta Leah Thompson, artista multimídia e diretora associada do Centro para Relações EUA-China da Asia Society. E nada indica que o processo esteja para arrefecer. “O governo central vê na urbanização uma chave para o crescimento econômico”, explica Leah, que codirigiu o documentário *Down to the Countryside* ☒, que conta a cruzada pessoal do artista e curador, Ou Ning, para revitalizar o vilarejo rural de Bishan – localizado a cerca de 400 quilômetros de Xangai.

No balanço de perdas e ganhos, os chineses parecem convencidos de que ainda estão na vantagem aderindo ao modelo atual. O mesmo estudo da McKinsey apontou que – ao menos entre as camadas mais afluentes – 74% estão confiantes que sua renda vá subir “significativamente” nos próximos cinco anos. Nos EUA, a proporção é de 46%. “É uma questão de preço a pagar. Não criticar o partido é algo que eles veem como um preço pequeno pelas liberdades [econômicas] que conquistaram”, completa Dwyer.

E há outras liberdades de que os chineses gozam e estão ausentes em muitos países democráticos. Caso da segurança pública incomparavelmente melhor que a do Brasil. “Essa é uma diferença real. Toda vez que estou no metrô de Xangai e vejo uma mulher ocidental agarrada em sua bolsa, sei de cara que ela é brasileira”, conta Ling.

Os chineses também podem encontrar bolsões de liberdade na internet, apesar de toda a censura estatal. “Posts com conteúdo sensível são tirados do ar em questão de minutos. Se for um usuário com muitos seguidores ou um passado de ativismo, há o risco de prisão”, explica o ativista digital que usa o pseudônimo de Percy Alpha e é cofundador da GreatFire.org – grupo que monitora sites e termos de busca bloqueados na internet chinesa.

Contudo, com 650 milhões de internautas, dos quais mais de 300 milhões são ativos em blogs e microblogs, a dificuldade em

controlar tudo o tempo todo é evidente. Foi o que aconteceu em julho de 2011 quando dois trens de alta velocidade colidiram na cidade de Wenzhou, matando 40 pessoas. Embora o primeiro instinto do governo tenha sido acobertar o acontecimento, a revolta em torno do caso foi o bastante para romper a barreira de silêncio. “O governo nunca pretendeu que poderia paralisar totalmente a discussão política”, opina Alpha.

Bloqueada ou não, a internet tem se tornando o cimento de uma geração que quer transformar a China tão intensamente quanto sua predecessora. Segundo o cofundador da revista digital *Neocha Edge* – que destaca novos artistas e a indústria criativa do país –, Sean Leow, há um crescente desconforto entre os membros da geração que foi criada durante os anos 1980 e, portanto, acompanhou o processo de ascensão político-econômico do país de que a imagem da China não passa de um enorme celeiro industrial onde o Ocidente pode fabricar produtos baratos.

O que muitos desses “criativos”, como Leow os chama, estão fazendo é remixar elementos da cultura tradicional com influências de fora. “O que estamos tentando fazer é pegar os pedaços [da cultura tradicional chinesa] e as influências modernas que temos agora para criar uma cultura criativa que a China possa chamar de sua”, resume.

Essa nova geração chega em um momento crucial em que a China começa a pensar qual será seu próximo passo. Ir do mero industrialismo rumo a uma economia mais inovadora e criativa foi, justamente, um dos focos da 3ª Plenária do Congresso do Partido Comunista. “O documento final listou mais de 60 reformas econômicas, cujo principal objetivo seria promover essa transição. Certamente esse vai ser um processo difícil para eles, mas o governo tem clareza de que há essa necessidade”, avalia Nee.

Tom Dwyer parece ter poucas dúvidas de que, no fim, eles vão se sair bem. “Os chineses sempre foram muito pragmáticos. Eles olham para suas raízes e tradições, mas sabem que elas não são suficientes em um mundo que é muito maior do que aquilo que eles conhecem desde sempre”, encerra. ☒

☒ Veja o relatório da McKinsey&Company em goo.gl/3dxvok ☒ O vídeo pode ser visto em goo.gl/lubzu6k



Seja bem-vindo à era da escassez

Pode ser que os leitores acabem antes do livro impresso. O Orkut, a Petrobras, o futebol brasileiro, a vida como a gente conhecia não existem mais. E os picolés? Viraram paletas mexicanas vendidas em *food trucks*

Você sabe da última? Entramos na era da escassez. O mundo agora é assim. Está cada vez mais comum se falar na última. A última gota, ponta, semente, vez que você viu uma estrela no céu na cidade de São Paulo. Quando foi mesmo? A água pode acabar. Existe gente que jura que dá para ficar sem tomar banho. Mas uma pessoa de bem, um pai de família, uma mãe de criança, empresária, conseguiria viver sem chocolate? Difícil. E o pior: a produção de cacau não tem dado conta para tantos dedos querendo se lambuzar com bombons, tabletes, cremes.

Onde estão os picolés? Saudades das velhas Kombi que vendiam cachorro-quente. Raridade. Nas festas do interior, as barraquinhas ofereciam pinga, marvada, imaculada, branquinha, bagaceira, a-que-matou-o-guarda.

Hoje a cachaça só entra se tiver nome bonito, aliás qualquer coisa só entra desse modo. O sujeito não sai de casa se não for para conhecer um espaço diferenciado. E, em vez de enfiar o pé na jaca, mergulha os calcanhares no leito de rúculas ao molho de iogurte, oréganos frescos e damascos da Polinésia. É o pé na jaca *gourmet*, com o perdão da cacofonia.

O Orkut acabou; a Petrobras, dizem. Os ascensoristas não estão mais dentro dos elevadores, substituídos por vozes mecânicas. O Eike deixou a lista dos bilionários. E nem Clarice Lispector teve um repertório tão vasto de frases para as redes sociais, da forma que querem fazer você acreditar.

O livro impresso vai acabar algum dia? Pode ser que os leitores acabem antes do livro. O mundo politeísta assistiu ao nascer do monoteísmo, até que se declarou Deus morto, ou, quem sabe, ele nunca tenha existido.

A crônica esportiva procura entender por que o nosso futebol acabou. A



extinção da paixão pela camisa, do improviso do craque brasileiro. Os analistas do mercado querem descobrir por que a economia desaqueceu. O PIB sumiu. A arara-azul e o mico-leão-dourado faz muito também não aparecem por essas bandas.

A vida como a gente conhecia não existe mais. Ficou nas fotografias, que de uns tempos para cá não desbotam. Permanecem coloridas e vivas, como se o momento registrado tivesse acabado ontem ou uma hora atrás. O clima mudou, as geleiras estão derretendo, os rios estão secando. Pode faltar luz nos próximos meses.

Acabou o dinheiro – o meu, pelo menos. A paciência da população, a vergonha dos políticos, a revolta junina, o espaço para tanto silicone, o carnaval de outrora, o amor.

O amor acabou sem nem avisar com antecedência. Um dia o homem acordou, pulou da cama e disse a ela: não dá mais. Logo os dois, que tinham amado Paris, amado Veneza, amado a primeira vez que fumaram maconha, amado aquele filme do Woody Allen. Amaram tanto

tudo que faltou amor para continuarem a se amar.

E não aconteceu só com eles. Falta de amor se espalha que nem gripe. Atchim! Beija-se sem amor, casa-se sem amor, transa-se sem amor. E os pais não veem a hora de devolver as crianças, tomarem de volta o pagamento do parto. Chega-se a uma certa idade que a gente não tem mais saúde.

Acabou a atenção. Pessoas andam pela rua batendo a testa, trombando em postes. Olha o celular, digita, esquece a vida. Um exército de seres que estão aqui, mas não estão em lugar algum. Cabeças perdidas em bate-papos, jogos, vídeos de sexo, piadas, notícias. Onde estará de verdade toda essa gente?

Talvez seja por isso que se fale cada vez mais em encontrar outros planetas, galáxias, estrelas. O dia não veio, o bonde não veio, o riso não veio, não veio a utopia e tudo acabou e tudo fugiu e tudo mofou, e agora, José? Esse planeta acabou, ou está acabando, anote aí, antes que acabe a tinta da caneta, ou a bateria do seu computador.

Uma sonda acabou de pousar em um cometa pela primeira vez, a Nasa anuncia para os próximos anos uma missão tripulada inédita para Marte. Candidato, seu tempo acabou. A lei acabou no Brasil, acabou a promoção no shopping, na 25 de Março, na Rua da Alfândega. Acabou a privacidade, o Calendário Maia. Acabou o coletivo, agora cada um só quer saber de si.

Não tem mais o que acabar por esses lados, vamos acabar com o que a gente ainda nem conhece direito. O que pode ser destruído na Lua? Em Júpiter? Saturno ainda perde seu anel em um assalto interestelar. Enquanto houver esse texto é possível ter a garantia de que algo continua, a esperança, mas nem isso. Acabou a linha, acabou o espaço, acabou o texto. Fim.



A redenção de um aeroporto

Voos regulares para São Raimundo Nonato devem desencadear um ciclo virtuoso para o turismo na Serra da Capivara, onde o número de visitantes pode chegar a 3 milhões ao ano

A expectativa não é por obras hídras para abastecimento da população e lavouras; nem por estrada nova no lugar dos caminhos esburacados ou mesmo por indústrias capazes de diminuir o abismo econômico em relação às demais regiões do País. Em São Raimundo Nonato, sertão do Piauí, a esperança de mudar a lógica da pobreza e do coronelismo está na inauguração de um aeroporto. Sim, um aeroporto qualificado para receber voos regulares, cuja obra se arrastou por 15 anos, consumiu mais de R\$ 17 milhões, enfrentou irregularidades na licitação e agora está pronta, à espera da homologação pela Agência Nacional de Aviação Civil.

Qual poder de transformação teria um aeroporto com pista de 1,6 mil metros, iluminação noturna e terminal de passageiros de arquitetura futurística, em meio à Caatinga? A explicação é simples: naquele rincão, os desfiladeiros da Serra da Capivara guardam uma das maiores concentrações de pinturas rupestres do mundo, com potencial de atrair turistas e estimular negócios, sem a dependência da chuva. São mais de mil sítios arqueológicos já descobertos, além de outros agora desvendados pela ciência, revolucionando o conhecimento sobre a ocupação do continente americano pelo homem primitivo.

Pela teoria tradicional, o povoamento das Américas teria ocorrido a partir da Sibéria, mediante a travessia do estreito de Bering, por volta de 13 mil anos atrás, na última glaciação do planeta. Esses grupos teriam atingido a América do Sul cerca de 4 mil anos depois. Mas os vestígios arqueológicos do Piauí acirram o debate científico, ao indicar que a presença humana na região data de pelo menos 50 mil anos.

O aeroporto é condicionante do BNDES para liberação de R\$ 13,7 milhões à construção do Museu da Natureza, um

megaprojeto da Fundação Museu do Homem Americano que pretende reconstituir a evolução da fauna e da paisagem ao longo de 400 milhões de anos, incluindo a relação do homem com o meio ambiente até a configuração atual da Caatinga. “O aeroporto é importante para o projeto ser financeiramente autossuficiente e trazer outras parcerias que dinamizem o desenvolvimento”, conta Fabrício Brollo, gerente do departamento de cultura do banco.

Grupos hoteleiros, como o Hyatt Hotels, já demonstraram interesse na região, onde o potencial de visitantes chegaria a 3 milhões por ano, segundo pesquisa realizada por uma empresa suíça de consultoria. Hoje, o número não passa de 30 mil.

O novo museu coroa o trabalho da arqueóloga brasileira Niéde Guidon, que chegou à região na década de 1980, teve ajuda de sertanejos para achar relíquias pré-históricas e ali se radicou, erguendo um império que mexeu com a realidade local. Valendo-se do prestígio internacional como cientista da Universidade de Sorbonne, na França, onde fez o doutorado, a arqueóloga articulou intercâmbios de pesquisa, a exemplo da Missão Franco-Brasileira que há três décadas estuda a área. Uma das principais conquistas foi o título de Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade, conferido pela Unesco à Serra da Capivara – reconhecimento que atraiu recursos financeiros para transformar o legado dos primeiros “brasileiros” em motor da economia. (*leia entrevista com Niéde Guidon em fgv.br/ces/pagina22, no Blog da Redação*).

Com investimento do Banco Interamericano de Desenvolvimento e governo japonês, foi construída estrutura de visitação comparável com a que existe nos parques arqueológicos mais famosos do mundo: passarelas para acesso às grotas com arte rupestre, iluminação noturna, mirantes, sinalização, trilhas,



laboratórios e museu com acervo paleontológico.

Para proteger as pinturas rupestres, Niéde Guidon assumiu a cogestão do Parque Nacional Serra da Capivara com o governo federal. Com mão de ferro, enfrentou o poder dos coronéis e o machismo reinante no sertão. Tanto assim que o trabalho de vigilância nas guaritas, por exemplo, é realizado apenas por mulheres. “O Piauí é pobre porque não utiliza seu maior patrimônio, que é o arqueológico, para gerar renda e arrecadação”, lamenta a pesquisadora. Aos 82 anos, ela mantém o sonho vivo: “Só o turismo poderá garantir a sustentabilidade do que montamos”. Assim, a arqueóloga não esperou pela verba estadual e doou do próprio bolso parte dos R\$ 300 mil de um prêmio científico que recebeu em 2014, para a finalização da obra do aeroporto. Não há tempo a perder.



Cabe todo mundo?

O país enfrenta o desafio de crescer com melhor qualidade de vida, inclusão social e conservação de recursos naturais

POR SÉRGIO ADEODATO
FOTO RENAN ROSA

No rastro dos 30 milhões de toneladas de soja em grão que o Brasil exportou para a China entre janeiro e agosto de 2014, no valor total de US\$ 15 bilhões, foram “transferidos” 69 trilhões de litros de água virtualmente embutidos no produto, como decorrência do cultivo. Tendo como base o consumo hídrico da soja brasileira, calculada pela Water Footprint Network (WFN), o volume representa mais de três vezes a capacidade do reservatório da Hidrelétrica de Itaipu. O número é grandioso, como é, aliás, tudo o que se relaciona aos padrões chineses e sua influência sobre o meio ambiente global. E também reflete o tamanho do desafio enfrentado internamente por aquele país para manter a atual taxa de crescimento econômico com menor dependência do comércio exterior, inclusão social e menos degradação de recursos naturais.

Ao abrigar quase 20% da população do mundo, a China é o país que mais contribui com a → **pegada de água** global, responsável por 16% do total, à frente de Índia, Estados Unidos e Brasil, respectivamente, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). Além disso, o apetite chinês suga quase um terço dos recursos vitais que a Terra tem a oferecer. Resultado: se todos os países consumissem e gerassem resíduos em igual nível, seria necessário 1,2 planeta para dar suporte às atividades humanas.

Com o acelerado crescimento econômico, aumento da renda e intenso processo de urbanização e industrialização, o Gigante Asiático passou a ter o maior déficit ecológico do mundo. Dessa forma, como a multiplicação do nível médio de consumo pelo número de habitantes superou os limites da → **biocapacidade** do país, foi preciso buscar recursos no resto do mundo – assim como ocorreu com os EUA, no passado – para sustentar a população com seus novos estilos de vida.

Para analistas, o futuro socioambiental

do planeta dependerá muito do caminho a ser trilhado pela China. Internamente, os atuais planos de governo pretendem reverter a lógica perversa de que quanto mais rico fica o país, mais pobre torna-se o meio ambiente. No caso da água, o iminente risco de escassez disparou o alerta. A necessidade de captar volume cada vez maior para abastecer população, cultivos agrícolas e indústrias exigiu a execução de um dos mais caros e ambiciosos projetos de engenharia em curso no mundo: a transposição dos rios Yang-tsé, Han e Amarello, ao custo de US\$ 79 bilhões, para levar água do Sul para o Norte do país, onde se localiza a grande metrópole, Pequim.

Lá se concentra grande parte da população e dos cultivos agrícolas, mas tem apenas um quinto da água disponível na China. A primeira etapa dos três grandes eixos de canais, com cerca de mil quilômetros na parte Sul, está em fase final para fornecer 1,2 bilhão de metros cúbicos adicionais à capital, com 20 milhões de habitantes. Atualmente, para contornar a escassez, parte expressiva do suprimento provém da exploração de água subterrânea, com drástico esgotamento do lençol freático nos últimos dez anos.

“A disponibilidade hídrica já é considerada nas decisões políticas sobre o crescimento econômico”, afirma Aurélio Padovezi, especialista em restauração florestal que em recente viagem à China pela The Nature Conservancy (TNC) conheceu a realidade do principal manancial de água potável de Pequim: o reservatório Miyun, com área total de 15 mil quilômetros quadrados, já insuficiente para suprir as residências e as atividades econômicas. “Considerando o tamanho da população que precisa matar a sede e comer, o reservatório e as suas bacias hidrográficas são vistos como os mais importantes recursos hídricos a serem protegidos do mundo”, enfatiza Padovezi. Ele lembra as semelhanças entre a capital chinesa e a Região Metropolitana de São Paulo: “A diferença é que lá existe planejamento e não há barreiras políticas, porque as decisões são centralizadas”.

CAPACIDADE DE REALIZAR

Entre as medidas de proteção está o aumento da cobertura florestal de 9% para 55% nas bacias hidrográficas que abastecem a

capital, com meta de atingir 70% no entorno do reservatório Miyun, segundo o especialista. O esforço se integra a uma estratégia mais ampla, definida há mais de duas décadas, para plantio de árvores em larga escala, principalmente na região central do país. “Chama atenção a incrível capacidade da China de realizar, difícil de ver nos demais países emergentes”, conta Beto Mesquita, diretor de estratégia terrestre da Conservação Internacional.

Como integrante de uma expedição de especialistas brasileiros para intercâmbio de experiências sobre florestas com a China, em 2014, Mesquita verificou em campo os resultados do projeto de restaurar 45 milhões de hectares, dos quais 20 milhões já foram plantados com espécies nativas.

O reflorestamento em massa tem o propósito de conter a erosão, sobretudo em áreas montanhosas com alta incidência de → **chuvas de monções**, e melhorar as condições ambientais para a agricultura. “As ações são práticas, simples e rápidas, com uso de poucas espécies de árvores, mas bastante efetivas, fazendo crescer florestas até mesmo onde nunca existiram”, diz Mesquita. Após o impulso inicial de grande escala, a atual etapa, na qual entraria a contribuição brasileira, deverá olhar para a melhora da diversidade de espécies, de modo a obter florestas mais robustas e com maior quantidade de biomassa, importante para a gestão de carbono no cenário de possíveis compromissos globais sobre mudanças climáticas.

O advogado José Ricardo dos Santos Luz, que por cinco anos representou na China o escritório Duarte Garcia, Caselli Guimarães e Terra Advogados, compara: “O país é como um gigante que desce uma ladeira de bicicleta; não pode frear, senão perde o controle e cai”. O dilema é traçar um caminho para continuar pedalando sem impactos ambientais que colocam em risco o bem-estar e a própria sustentabilidade das conquistas econômicas. Apesar da expansão menos veloz do crescimento, verificada nos dois últimos anos, obras de infraestrutura nas cidades continuam em ritmo frenético. A vida urbana sofre com a poluição atmosférica, que

A disponibilidade hídrica já é considerada nas decisões políticas sobre o crescimento econômico

em alguns locais chegou a atingir nível 25 vezes superior ao limite de tolerância da Organização Mundial da Saúde. Mas, de uns anos para cá, a governança em relação ao problema foi priorizada para reduzir a ocorrência de doenças respiratórias, a incapacidade para o trabalho e os custos previdenciários para governo e empresas.

A segurança alimentar tornou-se prioridade, após escândalos como o que envolveu leite adulterado, obrigando importação em massa. “Um problema pequeno em outros países pode ganhar grandes proporções na China, por conta da enorme população”, explica o advogado.

O êxodo do campo para as cidades tem mudado o quadro social, fruto de políticas voltadas para a elevação de renda e o aumento do mercado doméstico. Com menos gente na zona rural, é menor a concorrência e o ganho dos camponeses aumenta. Ao mesmo tempo, a geração de maior quantidade de empregos no meio urbano estimula o consumo e a demanda por investimentos em infraestrutura, acelerando o desenvolvimento econômico.

A estratégia populacional compõe um plano de → **urbanização** lançado pelo Comitê Central do Partido Comunista e pelo Conselho de Estado para o período 2014-2020, com ênfase no bem-estar e sustentabilidade ambiental. Um dos objetivos é corrigir discrepâncias envolvendo benefícios sociais, como os incluídos no Hukou – uma espécie de cartão de identidade com o qual a população usufrui de auxílios, como assistência à educação e saúde. Hoje cada chinês que vive no campo recebe do Estado um pedaço de terra para subsistência, mas muitos sublocam a área para terceiros, inclusive empresas, e migram em busca de trabalho e

➤ **Indicador do volume de água utilizado na produção e consumo de bens e serviços**

➤ **Área disponível para o país produzir recursos renováveis e absorver emissões de CO₂**

➤ **São torrenciais e estão associadas a ventos sazonais, gerados pela alternância entre as estações úmidas e secas, no Sul e Sudeste da Ásia**

➤ **Hoje 53,7% da população chinesa é urbana. A previsão é atingir 60% em 2020, segundo a agência de notícias Xinhuanet (bit.ly/1muraYo). Nos países ricos, a média de habitantes que vivem nas cidades é de 80%**

Para influenciar positivamente as questões ambientais no resto do mundo, a China precisará adotar normas de sustentabilidade no comércio exterior, sem a visão de que vale apenas o menor preço

O futuro socioambiental do planeta dependerá muito do caminho que a China trilhar

da sorte grande nas cidades, deixando os filhos na zona rural, sob os cuidados dos avós. A artimanha é necessária, porque, se o governo for informado sobre a transferência, a família perde o benefício.

DE VENTO EM POPA

O desenvolvimento da China é amplamente moldado por planos de cinco anos, com metas sociais e econômicas. Um dos destaques do último planejamento (2011-2015) é o quesito sustentabilidade, com ênfase nos investimentos em tecnologias limpas. Na estratégia chamada “Going Global”, na qual as empresas são incentivadas a investir no exterior, a expectativa é a formulação de políticas de crédito verde pelos bancos chineses, considerando efeitos sociais e ambientais de suas operações.

A tendência chega a organismos internacionais de fomento, como o Banco de Desenvolvimento dos Brics. “Haverá o compromisso de complementar a oferta de recursos para projetos de infraestrutura, com base em critérios de desempenho socioambiental”, diz o embaixador Flavio Damico, representante do Departamento de Mecanismos Inter-Regionais do Itamaraty.

Nesse cenário, a China começa a dar atenção a princípios de melhores práticas internacionais, com adoção de normas mais rigorosas para aperfeiçoar a qualidade e reduzir impactos ao meio ambiente em setores como infraestrutura, mineração, silvicultura e agricultura. A escala da demanda chinesa reflete no planeta como um todo. Como grande importadora de → **soja**, por exemplo, qualquer nova exigência de padrão ambiental vai implicar adaptação dos países exportadores – o que significa uma vantagem competi-

va para o Brasil, tendo em vista os acordos e mesas-redondas adotados já faz algum tempo para a produção com controle sobre o desmatamento.

A adoção de critérios ambientais no intenso comércio exterior chinês mobiliza ONGs internacionais, como o WWF, organização que tem como símbolo global o → **panda-gigante** – espécie só existente na China, hoje protegida por uma rede de 62 reservas naturais, totalizando 3 milhões de hectares, com apoio do governo. As obras de infraestrutura são ameaças constantes. Apesar das ações ambientalistas, a perda de biodiversidade é um dos mais graves impactos de uma história milenar que o país precisa corrigir.

O governo chinês reconheceu os problemas ambientais ligados ao desenvolvimento econômico e os colocou no topo da agenda política. Para ambientalistas, é uma chance que o mundo não pode se dar ao luxo de perder, principalmente no tema “mudança climática”. Como país líder em emissões de carbono, à frente dos Estados Unidos e da Índia, o plano para inverter a curva da liberação de carbono na atmosfera a partir de 2030, conforme comunicado em 2014, tem potencial de influenciar um futuro acordo climático e acirrar a competição pelas oportunidades de mercado da economia verde. “O Brasil ficou para trás no jogo e deixar as soluções para depois pode ficar muito caro”, adverte José Goldemberg, professor do Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo (USP).

“Apesar do regime político fechado, a classe média que ascendeu na China já considera a → **poluição** como algo insuportável, pressionando por mudanças”, analisa Goldemberg, ao lamentar que no Brasil, onde na última década a população mais pobre também conquistou acesso ao consumo, “a ficha ainda não caiu”.

MENOS CALORIAS

Para Gilmar Masiero, professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, a dianteira dos chineses tem uma explicação histórica: “Eles desenvolveram a indústria e a economia a partir da lição

dos coreanos e japoneses, só que de uma maneira muito mais veloz, e é natural que a busca por soluções para reverter impactos ambientais seja também mais rápida em relação ao que fazem os demais emergentes”. Na análise de Masiero, “em 30 anos, cerca de 400 milhões de habitantes foram incorporados ao mercado de consumo na China e o mundo deve se adaptar a isso sem catastrofismo”.

A expansão produtiva para outras regiões do planeta, com ocupação de novas fronteiras, é uma saída. “Descentralizar a produção para torná-la mais eficiente e menos impactante é uma reflexão da atualidade na China”, afirma Carlos Rossin, líder de sustentabilidade da PwC Brasil. Outro aspecto em debate é até que ponto a falta de espaço para plantar e as restrições a cultivos agrícolas, devido a riscos ambientais, poderão influenciar a alimentação chinesa, que se torna mais calórica, ao estilo europeu e americano. “Se o padrão de consumo naquele país chegar ao nível atual das nações ricas, o planeta entrará em colapso”, prevê Rossin. Ele conclui: “Algum lado terá que abrir mão e reduzir o apetite”.

Para Rossin, falta maior abertura e engajamento da China para o debate sobre o valor das cadeias de insumos, principalmente no que se refere à origem socioambiental da matéria-prima embutida nos produtos que vende mundo afora. Internamente, o lixo gerado pela expansão do consumo não ganhou até o momento uma solução à altura. Não há cooperativas de catadores e a coleta seletiva de resíduos é desorganizada, apesar de haver uma vasta rede de fábricas recicladoras, abastecidas por sucateiros chineses e por resíduos comprados no exterior – até mesmo grande quantidade de → **lixo eletrônico**, com risco de contaminação de trabalhadores e do ambiente por metais pesados.

“Com a expansão da demanda interna, o governo está querendo mudar a atual realidade, inclusive investindo em grandes incineradores para geração de energia a partir do lixo nas cidades de maior porte”, diz Fernando von Zuben, diretor de meio ambiente da Tetra Pak.

Como o poder é centralizado e tudo depende das regras do governo, há pouco espaço para as empresas se organizarem e promoverem a reciclagem como ocorre no Brasil. “Mas

O desejo por qualidade de vida está muito presente entre os chineses

um dia a barreira será superada, assim como ocorreu com as emissões de carbono”, prevê o diretor. Para ele, apesar de tantas diferenças culturais, o modelo brasileiro de reciclagem poderia ser adaptado à realidade chinesa. Passo importante seria dado em abril, quando uma delegação daquele país visitaria o Brasil, Estados Unidos e Espanha para conhecer como funciona a coleta seletiva de resíduos, mas a viagem foi adiada. “Tudo na China tem seu tempo”, ressalta Von Zuben.

Com o maior acesso a bens materiais, a questão ideológica passou a ser secundária no país. “O sonho chinês, uma paródia ao velho conhecido ‘sonho americano’, é melhorar cada vez mais as condições de vida, mantendo a economia equilibrada na atual faixa de crescimento de 7% ao ano”, analisa José Augusto Guilhon, integrante do Grupo de Estudos Brasil-China, do Fórum Pensamento Estratégico, da Universidade de Campinas. Mas não é uma tarefa fácil, pois há vozes discordantes no alto escalão do poder. “Manter a economia galopando como antes, sem restrições ambientais, significa mais obras e verbas que podem ser manipuladas, com margem à corrupção”, explica o especialista.

Ele reforça: “O desejo por qualidade de vida está muito presente entre os chineses, puxado por questões socioambientais, com destaque para o clima”. De fato, a China indica que mudou de direção nesse campo, mas, na opinião de Guilhon, “ainda está longe do ideal e nenhum efeito prático deverá ser sentido nos próximos dez ou quinze anos”. Pressões sobre o governo são limitadas, porque os movimentos sociais independentes são poucos e inexpressivos. A força está nos novos conceitos de bem-estar e felicidade que povoam o imaginário chinês após a febre do crescimento econômico com índices de dois dígitos, verificado na última década. É a principal motivação para o gigante acordar de vez e os planos saírem do discurso. **zz**

➤ Só restaram 1,6 mil indivíduos da espécie nas regiões Sudeste e central da China

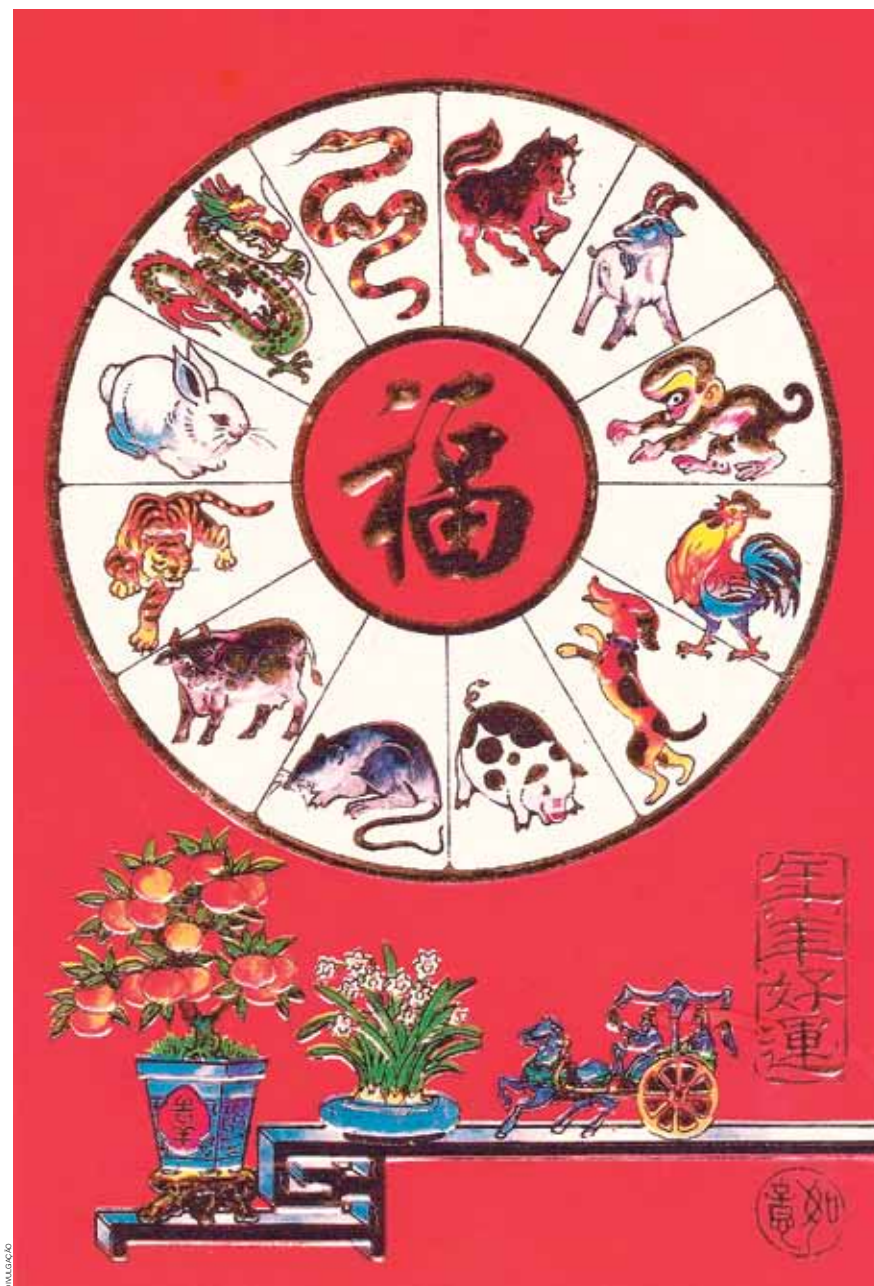
Ambientalistas lutam para salvar da extinção o tigre-de-amur, ameaçado pelo sumiço de presas, como veados e javalis, e pela redução do território de vida, no Nordeste da China, fronteira com a Rússia. Hoje há 500 tigres na natureza

➤ A China é o maior comprador da soja brasileira em grão (71% do total exportado)

➤ É um dos principais temas tratados nas redes sociais chinesas, como a Sina Weibo (similar ao Twitter)

➤ 70% do lixo eletrônico gerado no mundo se destina à China

A busca por soluções ambientais tende a ser mais rápida na China que nos demais emergentes



Ano da Cabra

Eu sou um espectador passivo/Eu esqueço o passado/Bondade me traz sorte/Eu acredito na raça humana/Eu entendo o significado de dar/Meu copo nunca está vazio/Eu sou leal, justo e confio nos outros/EU SOU A CABRA. O 'poema', que descreve o significado da Cabra (ou Ovelha) no zodíaco chinês, foi um achado da blogueira e chef de cozinha na China, Christine Marote. Segundo suas pesquisas, por simbolizar a paz, a tendência para 2015 é de que eventuais conflitos sejam resolvidos com diplomacia (o ano-novo chinês começa em 19 de fevereiro). "As dificuldades deverão ser ultrapassadas pela estratégia e o bom senso". Muitos chineses evitam filhos em ano da Cabra, pois temem nasçam excessivamente pacíficos e sem espírito de liderança. Mais em chinanaminhavidacom.com. – por Magali Cabral

Imagem cedida por Jeanne Kuk, sócia proprietária do Autocuidado Orientação Corporal – práticas corporais chinesas

Seja voluntário do
Programa Adotei um Sorriso.

E descubra que não existe recompensa
melhor do que a alegria.



Adote um Sorriso. Seja voluntário da Fundação Abrinq.

Você que é dentista, psicólogo, fonoaudiólogo, pediatra, nutricionista, oftalmologista e apaixonado pelo que faz pode fazer parte da equipe de voluntários da Fundação Abrinq e se dedicar a crianças e adolescentes que precisam de auxílio. A recompensa, não tenha dúvida, vem em sorrisos.

Inscreva-se pelo www.fundabrinq.org.br/adotei

Atuando no seu consultório ou dentro de organizações sociais, você vai fazer a diferença.



Save the Children

Compromisso histórico com o **desenvolvimento sustentável**



Borboleta no Complexo Serra da Farofa, em Santa Catarina, uma Reserva Particular do Patrimônio Natural Estadual mantida pela Klabin.

A Klabin respeita o meio ambiente e preserva a biodiversidade. Mais de 40% de suas áreas florestais são compostas de matas nativas. Em suas florestas, são protegidas cerca de 800 espécies de animais. Seu sistema de manejo em forma de mosaico é referência mundial. História que só uma empresa realmente comprometida com a natureza pode contar.

Maior produtora e exportadora de papéis do Brasil.



klabin.com.br